

X Encontro Científico do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI)

Dialogia, Significação e Subjetividade: Questões Metodológicas a partir da *RedSig*



RIBEIRÃO PRETO, 14 A 18 DE FEVEREIRO DE 2005

**X Encontro Científico do Centro de Investigações sobre
Desenvolvimento Humano e Educação Infantil
(CINDEDI)**

**Dialogia, Significação e Subjetividade:
Questões Metodológicas a partir da *RedSig***

Ribeirão Preto, 14 a 18 de fevereiro de 2005

Agradecimentos:

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP – USP.

Aos professores convidados, Carmem Maria Craidy, Maria Isabel Pedrosa, Zilma Ramos de Oliveira, Carla Guanaes, Sueli de Pauli. e Ana Maria Almeida Carvalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento do Projeto Temático *Dialogia e Significação, na Rede de Significações*.

Ao CNPq, pelas bolsas de produtividade.

SUMÁRIO

X ENCONTRO DO CINDEDI...(Histórico)

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira..... p. 7

EIXO METODOLÓGICO: VÍDEO-GRAVAÇÃO

Doutorado: TROCAS-SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES. *Joseane Bomfim e Mara Campos-de-Carvalho*..... p. 15

Mestrado: PROCESSOS DIALÓGICOS DE BEBÊS, NO DECORRER DO PRIMEIRO ANO DE VIDA – UMA ANÁLISE PRELIMINAR. *Adriana Mara dos Anjos, Katia de Souza Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira*..... p. 16

Iniciação Científica: GRUPO DE CRIANÇAS EM CRECHE: ANÁLISE DE REGULAÇÃO SOCIAL EM ATIVIDADE INDIVIDUAL. *Juliana Isis do Nascimento e Mara Campos-de-Carvalho*..... p. 17

Iniciação Científica: A NOÇÃO DE CORPOREIDADE NO ESTUDO DA INCLUSÃO ESCOLAR DE DUAS CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL. *Fabio Scorsolini-Comin e Katia de Souza Amorim*..... p. 17

Iniciação Científica: DIFERENTES ARRANJOS ESPACIAIS E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO POR MENINOS E MENINAS DE 1-2 E 3-4 ANOS EM CRECHES. *Elen Cristina Rigobelo Conte e Joseane Bomfim*..... p. 18

Iniciação Científica: A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES CRIANÇA-CRIANÇA DENTRO DO PROCESSO DE INCLUSÃO EM INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO. *Adriana Valdrighi e Katia de Souza Amorim*..... p. 19

Iniciação Científica: CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇOS EXTERNOS EM CRECHES MUNICIPAIS. *Marina Bordenale Casari e Mara Campos-de-Carvalho*..... p. 19

Iniciação Científica: DIALOGISMO E SIGNIFICAÇÃO NO ESTUDO DOS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM E SEM DEFICIÊNCIA AUDITIVA. *Luciana Aparecida Rodrigues e Kátia de Souza Amorim*..... p. 20

EIXO METODOLÓGICO: ENTREVISTA

Doutorado: A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES NO CONTEXTO DA ADOÇÃO. *Caroline Frãncisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira*..... p. 22

Doutorado: A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS DURANTE A INSERÇÃO DO BEBÊ NA FAMÍLIA ADOTANTE: UM ESTUDO DE CASO. <i>Regina Cláudia Mingorance e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 23
Doutorado: INCLUSÃO/EXCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM EPILEPSIA: PERSPECTIVAS DOS PAIS, PROFESSORES E DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS. <i>Ticiane M. S. Roriz, Katia S. Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 23
Mestrado: DIALÉTICA INCLUSÃO/EXCLUSÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL E SUAS FAMÍLIAS - PRISMA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. <i>Ticiane M. S. Roriz, Katia S. Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 24
Mestrado: ENTREVISTANDO CRIANÇAS – QUESTÕES ÉTICAS E DESAFIOS METODOLÓGICOS. <i>Lílian de Almeida Guimarães Sólton, Nina Rosa do Amaral Costa, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 25
Mestrado: ADOLESCENTES NO MOMENTO DE SAÍDA DO ABRIGO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE SI-MESMO. <i>Ana Laura Moraes Martinez e Ana Paula Soares da Silva</i>	p. 26
Iniciação Científica: VOZES SOCIAIS NA IDENTIDADE NARRATIVA DE HOMENS COM VIVÊNCIA NO CRIME. <i>Tais Niero Pinheiro e Ana Paula Soares da Silva</i>	p. 26
Iniciação Científica: (RE)SIGNIFICAÇÃO E/OU TRANSFORMAÇÃO DOS DESEJOS DE UM CASAL ADOTANTE COM A CHEGADA DA CRIANÇA NA FAMÍLIA. <i>Cecília Souza Oliveira, Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 27
Iniciação Científica: CONSTRUINDO-SE PAI NO PROCESSO DE ADOÇÃO DO PRIMEIRO FILHO. <i>Raylla Pereira de Andrade, Nina Rosa do Amaral Costa e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 28
Iniciação Científica: IDENTIDADE DE EDUCADORAS DE CRECHES DURANTE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO EM NÍVEL MÉDIO. <i>Delma Bezerra e Ana Paula Soares da Silva</i>	p. 28
Iniciação Científica: CONVERSANDO COM CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA – O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL <i>Gabriela Campos Darahem e Ana Paula Soares da Silva</i>	p. 29
Iniciação Científica: O MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. <i>Mara Isis de Souza e Ana Paula Soares da Silva</i>	p. 30
Iniciação Científica: A REDE DE SIGNIFICAÇÕES COMO SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA SE DISCUTIR O OLHAR DO PESQUISADOR, A PARTIR DE DOIS TRABALHOS: ADOÇÃO E INCLUSÃO PRÉ-ESCOLAR. <i>Fabio Scorsolini-Comin, Cecília Souza-Oliveira, Katia de Souza Amorim, Caroline Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira</i>	p. 30

EIXO METODOLÓGICO: ANÁLISE DOCUMENTAL

Doutorado: A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO: ANÁLISE DE PRINCÍPIOS EM DOCUMENTOS ESTRANGEIROS. *Tatiana Noronha de Souza e Mara Campos-de-Carvalho*..... p. 32

Doutorado: COMO COMPREENDER AS ADOÇÕES “PRONTAS” OU DIRETAS? ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS. *Fernanda Neísa Mariano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira*..... p. 32

Mestrado: O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. *Solange Aparecida Serrano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira*..... p.33

Iniciação Científica: A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NOS CURSOS DE PEDAGOGIA CONSIDERANDO-SE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS. *Patrícia Moreira de Souza e Katia de Souza Amorim*..... p. 34

Iniciação Científica: SALAS ESPECIAIS MUNICIPAIS EM RIBEIRÃO PRETO-SP: ORGANIZAÇÃO E ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EDUCACIONAIS. *Érika Regina Caporal e Katia de Souza Amorim*..... p. 35

Iniciação Científica: A EDUCAÇÃO ESPECIAL DOS DEFICIENTES AUDITIVOS: ANÁLISE E PERSPECTIVAS ATRAVÉS DE REVISÃO DA LITERATURA. *Shirley Teles e Katia de Souza Amorim*..... p. 35

X ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI / FFCLRP-USP

Dialogia, Significação e Subjetividade:

Questões Metodológicas a partir da Rede de Significações

	14 / 02	15 / 02	16 / 02	17 / 02	18 / 02
8h30min		Apresentação do grupo de entrevista Debatedoras: Profa. Dra. Carla Guanaes Profa. Dra. Sueli de Pauli Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva	Apresentação do grupo de videogravação Debatedoras: Profa. Dra. M. Isabel Pedrosa (UFPE) Profa. Dra. Zilma M. R. Oliveira	Apresentação do grupo de pesquisa documental Apresentação Zilma - pesquisa com memorial Debatedora: Profa. Dra. Carmem Craidy (UFRGS)	Avaliação e Encerramento: coordenação Profa. Dra. Ana M. Almeida Carvalho.
12h – 14h		Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h	Abertura: Vídeo Comemorativo dos 10 anos de Encontro Cindedi - Ronie Charles F. Andrade "A coleta e análise de dados: avanços, dúvidas e lacunas" Profa. Dra. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira	Apresentação teatral: Ana Matsuda, Fabio Scorsolini e Lucas Pinho Painéis – Entrevista	Painéis – Videogravação e Pesquisa documental	"A RedSid nas pesquisas em educação" Profa. Dra. Carmem Craidy (UFRGS)	
16h – 18h		"RedSig: algumas questões metodológicas" Profa. Dra. Katia S. Amorim	"O que é Metodologia?" Profa. Dr. Reinaldo Furlan	Coquetel e Happy Hour	

X Encontro do Cindedi...

Conta redonda, demarcando uma história coletiva de buscas, lutas e avanços. História que se alonga para além desses dez anos de Reuniões Científicas formais, realizadas com o apoio da Fapesp e CNPq a sucessivos projetos temáticos ou integrados.

Refletindo sobre essa história, lembro que seu começo se deu há mais de 25 anos. Em 1977, já tínhamos na Filô um grupo de pesquisa investigando/trabalhando sobre desenvolvimento e educação infantil, pesquisando as creches de Ribeirão Preto e da região. Elaborávamos projetos, solicitávamos auxílios e bolsas, fazíamos relatórios, trabalhávamos nas creches com estagiárias, fazíamos seleção, treinamento e supervisão de educadoras... Em 1977 e 1978, contamos com o auxílio da Fapesp ao projeto “Reação da criança à separação da mãe: implicações para o conceito de apego”. Várias dissertações de mestrado foram elaboradas e defendidas nessa época, dentre as quais as de Márcia Bonagamba Rubiano, Terezinha Fiorini Picolo e Regina Secaf. E já contávamos com vários bolsistas de IC, dentre os quais Lenira Haddad e Cláudio Roberto Batista.

O primeiro grande auxílio veio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) para o desenvolvimento do projeto “Condições de atendimento e desenvolvimento de crianças pequenas de baixo NSE, cujas mães trabalham fora de casa” (1982-1984). Obtivemos, então, nossa primeira verba para fazer um filme em Super-8 - “A arte de varrer para debaixo do tapete” -, denunciando as precárias condições do atendimento nas creches da região, e a necessidade urgente de melhorá-las. Várias pesquisas de IC, mestrado e doutorado estavam então em desenvolvimento, já com uma preocupação teórico-metodológica bem evidente. Dentre elas, o doutorado de Zilma, Maninha (Maria Conceição Lyra), Mara e Márcia.

As transformações das metodologias acompanharam os avanços teóricos da Psicologia e de outras ciências humanas no decorrer dos anos. Esses avanços teóricos suscitam novas perguntas, as quais deixam de ser respondidas pelos procedimentos usados até então, exigindo uma nova elaboração teórico-metodológica. Por vezes, os mesmos procedimentos podem continuar a serem usados na coleta dos dados (um roteiro de entrevista semi-estruturado, p.ex., ou uma gravação em vídeo), porém sua análise passa a ser circunscrita por outros parâmetros, levando a outros procedimentos de análise e a interpretações diversas.

Os estudos da época acima referida e de períodos anteriores foram de observação direta das interações mãe-criança. Na realidade, tratava-se de uma novidade, pois haviam predominado na Psicologia até então os estudos a partir de entrevistas e testes. Retomava-se, na década de 60, uma tradição de períodos anteriores à segunda guerra mundial. Nos primeiros estudos feitos no Brasil, aproveitamos o que eu aprendera em meu doutorado em Londres, desenvolvido de 1965 a 1967, cujo título, “Development of a method for the study of mother-child interaction during mealtime”, já demonstrava um interesse metodológico. Ao retornar ao Brasil, montei, com o auxílio da Fapesp, um laboratório de observação com espelho unidirecional, que ainda existe no prédio do antigo Emboaba, portanto no mesmo edifício onde atualmente funciona a pós-graduação em Saúde Mental, da FMRP. Naquele laboratório, começaram a serem desenvolvidas pesquisas sobre interação mãe-criança pelas então bolsistas de IC e de Aperfeiçoamento (Mara, Edna Marturano e Zélia Biasoli Alves), sob minha orientação. Em 1969 e 1970, ministrei na PG em Psicologia Experimental do IPUSP uma disciplina sobre “Técnicas de observação e seu uso em pesquisa”.

Minha experiência e aprendizagens nessa área se enriqueceram muito com minha nova estadia na Inglaterra, agora trabalhando como pos-doctorate research fellow pelo SSRC, com o reconhecido etólogo Nick Blurton Jones. Juntos, desenvolvemos um projeto sobre “*Development of attachment and social behaviour in one to three years old children*”, seguindo a tradição psicoetológica, na qual ele era mestre. Meu livro “*Mãe & Criança: separação & reencontro* (SP: Edicon, 1986)” e minha tese de livre-docência contêm uma descrição detalhada desses estudos, assim como dos vários procedimentos de coleta e análise de dados neles envolvidos.

Nas análises realizadas após o retorno ao Brasil, em 1976, agora já como docente da FFCLRP, utilizamos inclusive um programa de computador para a análise de seqüências comportamentais - o Ethodata (desenvolvido por Renato Sabatini) -, que, na época, exigia o uso simultâneo de cinco imensos computadores do Centro de Computação da USP, SP. Decepcionadas com as trabalhosas e demoradas análises da máquina, que acabavam não distinguindo se a criança se aproximava de outra criança, da mãe ou da porta, desenvolvemos um sistema de análise mais aberto e flexível - o SASIRO (Sistema de Análise de Seqüências de Interação a partir de Registros de Observação), que não exigia tantos recursos computacionais, bastante escassos e insatisfatórios nessa época. O SASIRO pode ser empregado na análise de diversos tipos de registros observacionais de interações entre vários sujeitos, usando sistemas de categorias variados. Ele deixava ao pesquisador a tarefa de definir, conforme seus objetivos e seu objeto de estudo, os inter-atores, as categorias e os critérios para definição das cadeias de interação, de início e interrupção de cadeias, assim como os intervalos de tempo a serem considerados.

Já interessadas em analisar conjuntamente o ambiente físico e social das creches e as interações que nele ocorriam, recorremos também a outras fontes metodológicas, como ao estudo da Home, por Beth Caldwell, modificado por Hugh Lytton; e ao procedimento utilizado por Bárbara Tizzard, no estudo de abrigos para crianças na Inglaterra, metodologia esta que foi usada com modificações por Regina Secaf em seu mestrado (PUC-Campinas, 1985), que saiu publicado com o título "*Oportunidades de contato entre o adulto e a criança em creches*" (RBEP, 1986, 158: 130-163), já que as interações observadas entre as educadoras e as crianças eram poucas e precárias.

Nesse período, tivemos também um rico intercâmbio com o pessoal de Saúde, época em que atuei como assessora do Dinsami (Divisão Nacional de Saúde Materno-Infantil do Ministério da Saúde) e estive envolvida no projeto "*Critical assessment of key issues in research on malnutrition and behaviour*", como membro de um Comitê da International Union of Nutritional Sciences (USA). Nosso grupo de pesquisa esteve, então, envolvido em uma avaliação de peso e altura e de desenvolvimento com crianças de algumas creches de Ribeirão Preto, usando as metodologias tradicionais nesse tipo de estudo. Márcia Rubiano elaborou seu mestrado comparando as diferentes escalas que lhe permitiam avaliar o desenvolvimento das crianças.

O envolvimento do grupo com crianças, famílias e educadoras vivendo em situações extremamente precárias e a nossa vontade de transformar suas condições de vida, entretanto, despertaram outras questões metodológicas. Estabelecemos então um diálogo muito interessante com as propostas de pesquisa-participante e pesquisa-ação, aproximando-nos assim de uma discussão muito presente no final da década de 70 e início dos anos 80, sobretudo no campo da Educação e Saúde. Em 1981, organizamos um Seminário latino-americano sobre *Metodologias alternativas em projetos de pesquisa-ação que visam promover o desenvolvimento da criança desprivilegiada*, promovido conjuntamente pela ISSBD e SPRP (atual SBP). Reunimos umas 40 pessoas da América Latina e consultores europeus e norte-americanos, em um formato semelhante ao dos nossos encontros do Cindedi, e tivemos excelentes discussões. Peter Spink e Frances Horowitz foram excelentes parceiros nessa discussão.

Dessas experiências, permaneceu no grupo a preocupação em aliar sempre a teoria e a prática na pesquisa, uma desafiando, questionando e enriquecendo a outra. E a certeza da importância de um compromisso ético com a população investigada, que se traduza no respeito a seus direitos e no compromisso de trabalhar para que suas condições de vida sejam melhoradas. Disso resultaram várias atividades e publicações do Cindedi, que não serão descritas ou referidas aqui, visto que a proposta agora é apenas recuperar um pouco do percurso metodológico do Cindedi, como um aquecimento para as discussões programadas para o X Encontro.

Uma nova virada teórico-metodológica veio a ocorrer com a decisão de Zilma, que vinha do campo da Pedagogia e de uma interessante experiência e reflexão sobre psicodrama pedagógico, particularmente a partir de Moreno, de filmar e analisar microgeneticamente as interações de crianças em creches a partir do conceito de jogos de papel, fundamentada em autores que, na época,

denominávamos de sócio-interacionistas construtivistas, como Vygotsky, Wallon, Mead, dentre outros. As leituras e discussões foram múltiplas, com uma intensa construção de novas idéias e com desafios a serem continuamente enfrentados. Ana Almeida Carvalho, com um referencial mais psicoetológico, foi nossa parceira próxima nessa construção, enquanto pioneira nacional no estudo das interações de crianças pequenas, trazendo consigo Maria Isabel Pedrosa que, na época, fazia seu doutorado sob sua supervisão, filmando grupos de crianças em interação na mesma creche em que Zilma coletava seus dados. Essa creche de Vila Praia, em SP, era dirigida por Ana Mello, que, logo após, deixou-a para vir assumir a direção da creche Carochinha. Instigada pelas novas questões e leituras, decidi ir beber na fonte, fazendo um pós-doutorado de seis meses em Paris com Jacqueline Nadel, última orientanda de Wallon, junto ao Laboratoire de Psychobiologie de l'Enfant. Estudava e trabalhava na salinha onde estavam os escritos originais de Wallon! Na época, Nadel e Baudonniere desenvolviam pesquisas sobre interações de pares e trincas de crianças de 1 a 4 anos, em salinhas especialmente montadas com objetos variados e em duplos exemplares. Faziam uma discussão sobre o que era interação e usavam um sistema de categorias muito interessante e complexo. Fizemos uma tentativa de replicar esses estudos em Ribeirão Preto, com Solange Ormos e Geórgia de Sordi, bolsistas de IC e de Aperfeiçoamento. A aprendizagem foi muito rica, sobretudo em termos de reflexões e discussões teóricas e metodológicas, mas o projeto infelizmente não foi finalizado em termos de publicação.

Em Paris, trabalhei também junto ao Cresas, reconhecido centro do INRP (Institut National de Recherches Pedagogiques), com um trabalho pioneiro em pesquisa sobre interação de crianças pequenas e em trabalhos com educação infantil. Dentre a série de livros muito interessantes que publicaram, havia dois que utilizamos muito para falar de interação de crianças pequenas: *"Les Bébé entre Eux"* e *"Jeux de Fiction"*. Ainda, houve um terceiro, mais recente, que trata justamente do acolhimento as crianças e suas famílias em creche, coordenado por Sylvie Rayna. Estabelecemos um contato especial com Mina Verba, que desenvolvia uma análise microgenética bastante semelhante àquela utilizada por Zilma.

Esse estágio foi ainda enriquecido pelo encontro com Alain Legendre, arquiteto francês que terminava seu doutorado na área de psicologia do desenvolvimento sob a orientação de Jacqueline Nadel, focalizando o papel do arranjo espacial sobre as interações de crianças em creche. Em nossas discussões, achamos que seria muito interessante realizar estudos semelhantes em creches brasileiras, onde as condições de atendimento eram bastante precárias, diversas daquelas observadas nas creches parisienses. Essa proposta de estudo foi aceita e assumida por Mara e Márcia como tema de suas teses de doutorado. Tais projetos criaram novas demandas em termos de metodologia de coleta e análise de dados, exigindo um avanço tecnológico do nosso grupo de pesquisa com relação a equipamentos a serem empregados. Montou-se assim um projeto tecnologicamente mais complexo, com solicitação de várias filmadoras e vídeos, que obteve o auxílio da Fapesp. A vinda de Legendre ao Brasil, em 1986, quando esses estudos estavam iniciando, veio a fortalecer o desenvolvimento dessa nova abordagem metodológica de estudo das interações de crianças em creche, liderada hoje por Mara. Estabeleceram uma interlocução interessante com os pesquisadores brasileiros que trabalham com Psicologia Ambiental, usando como esteio a abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner. Ademais, abriram um novo foco de pesquisa sobre avaliação das condições de atendimento e desenvolvimento em creches e pré-escola, com uso de escalas e análise de documentos.

O ano de 1986 marcou também um período de intenso intercâmbio com o grupo de pesquisa sobre Aquisição de Linguagem, coordenado por Claudia Lemos no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, com quem ministrei uma disciplina de PG sobre "Imitação", da qual participaram dentre outras Zilma, Bel, Maninha e Amélia Hamburger. Um movimento semelhante estava começando a ocorrer na Psicologia, cujas pesquisas nas décadas mais recentes haviam sido freqüentemente norteadas por um paradigma behaviorista. Talvez por isso, o campo da psicolingüística, da semiótica, da análise de discurso de orientação francesa nos tenha parecido tão atraente e complexo. Éramos continuamente questionadas pelas lingüistas sobre o status do sujeito

na Psicologia, ao qual se atribuía características inatas, vindo a desenvolver uma personalidade cuja existência de certa forma independia da cultura e da linguagem. Para os lingüistas, o sujeito era o da linguagem, que se constituía e transformava no discurso e nas interações. Essas discussões foram tomando corpo na Psicologia, sobretudo entre os construcionistas, e nos propõe desafios constantes em nossos estudos, sobretudo sobre self e subjetividade.

O contato com Claudia Lemos e seu grupo valeu muito a pena, pois aprendemos muito. Porém, ficamos preocupadas com o tamanho de nossa ignorância e com a imensidade de material por estudar. Aproximamo-nos também de outros grupos de pesquisa, como o de Linguagem e Pensamento, de Ana Luíza Smolka, Angel Pino e Maria Cecília Góes, da Faculdade de Educação da Unicamp, que estavam enfrentando desafios semelhantes. E, ainda, do grupo de Mary Jane Spink, na PG em Psicologia Social da PUCSP, sobre Representações Sociais, que posteriormente avançou propondo uma nova perspectiva teórico-metodológica sobre *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. A atividade interdisciplinar cria sempre sérios desafios e exige muita humildade, persistência e paciência com nossas limitações. Pertencer a um grupo, porém, traz a vantagem de se poder distribuir as leituras e estudos entre os membros do grupo, que podem assim compartilhar suas aprendizagens em reuniões de estudo e discussão, fazendo o grupo em seu conjunto avançar. E os esforços, estudos e avanços de cada pós-graduando ou estudante de IC contribuem nessa direção. Acho que o avanço ocorrido com todo esse esforço veio a refletir-se quase vinte anos mais tarde na elaboração de uma nova perspectiva teórico-metodológica para o estudo do desenvolvimento humano, apresentada em nosso livro *Rede de Significações*.

Outro interlocutor importante na construção da RedSig foi Jaan Valsiner, em primeiro lugar por nos fazer acreditar que a idéias e pesquisas que estávamos elaborando eram originais e de alta qualidade, merecendo publicações internacionais que as tornassem mais conhecidas no primeiro mundo. Porém, mais importante do que isto, suas idéias, em especial aquelas apresentadas em seu livro de 1987 “*Culture and the Development of Children's actions: a cultural-historical theory of developmental psychology*” e as discussões que fez de nossos trabalhos em seus vários contatos conosco, alimentaram e transformaram muitos dos nossos conceitos, ajudando particularmente a formular o que entendemos por *circunscritores*.

Retomando os percursos metodológicos do Cindedi, seus avanços e dificuldades, parece-me importante comentar que a década de 80 e parte dos anos 90 foram marcados por vários aperfeiçoamentos no campo dos estudos observacionais das interações criança-criança e adulto-criança. Nossas conquistas e dúvidas foram amplamente discutidas e compartilhadas com vários colegas pesquisadores nos encontros anuais da SPRP/SBP. Disso resultou uma publicação conjunta sobre análise de registros em vídeo, publicada na *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.12, 3, 261-267, 1997. Em 1994, um grupo acabou se constituindo formalmente na ANPEPP em torno do tema, produzindo, em 1996 uma publicação conjunta sobre *Investigação da Criança em Interação Social*, coordenada por Maria Isabel Pedrosa. Seguindo a linha desses estudos observacionais, os quais se prolongam até os dias de hoje, vários estudos se desenvolveram a partir da análise de vídeo, como os trabalhos de Kátia, Marisa Vasconcelos, Cleido F. Vasconcelos e Leila Sanches de Almeida, alguns dos quais avançaram particularmente na análise microgenética do material.

No decorrer desse período, entretanto, foi se ampliando no Cindedi o interesse específico pela análise das significações, das falas e do discurso, sobretudo naqueles envolvidos com a discussão sobre self e subjetividade, e que utilizam entrevistas como instrumento básico de coleta de dados. As dúvidas eram muitas, e passamos a explorar diversos conceitos, autores e perspectivas, na busca de pistas que pudessem orientar nossos trabalhos de análise. O estudo conjunto do livro *Atos de Significação* de Jerome Bruner, quando contamos com uma interlocução preciosa com Reinaldo Furlan, nos forneceu uma base importante de apoio. As participações em disciplinas de PG e em congressos, e os encontros anuais do Cindedi, ampliavam sempre o leque de referências. Cada novo autor/interlocutor/teoria interessante encontrada mostrava-se bastante exigente, fazendo-nos mergulhar em novos conceitos, artigos e autores, com o objetivo não apenas compreendê-los, como

também de verificar sua adequação para responder aos objetivos do trabalho, as perguntas feitas e as análises pretendidas. Telma Vitória explorou extensamente a teoria das representações sociais para analisar as concepções das educadoras sobre as mães e famílias das crianças da creche. Sueli Pauli fez o mesmo com a análise do discurso de orientação francesa para analisar o discurso de educadoras de duas creches, relacionando-o as diferentes práticas de formação continuada a que tem acesso. Ana Paula e Nina Rosa aproximaram-se do construcionismo, e de autores que discutem identidade, posicionamento e self, que vinham sendo explorados por Marisa Japur, Mera e Carla Guanaes, na análise de grupos terapêuticos, em um diálogo bastante próximo com nossa antiga parceira do campo da Psicologia Social Mary Jane Spink, que acabava de publicar o livro “Práticas Discursivas e Construção de Sentidos no Cotidiano”, consubstanciando um importante avanço teórico frente a sua rica produção anterior sobre representações sociais. Os conceitos de posição e posicionamento, amplamente usados por esses vários autores em sua análise, apesar de suas diversidades, se aproximavam em muitos aspectos do conceito de jogos de papel, conforme formulado por Zilma.

Essa ampla exploração novamente foi estimulada por Jaan Valsiner, que recebeu membros do grupo em North Carolina (Zilma) e na Clark University (Kátia), além de sua participação nos primeiros encontros nossos e de seu freqüente contato pessoal e virtual com o grupo, através do qual nos fornece muito material interessante dele próprio e de outros, nos estimulando a contribuir para vários de seus livros e publicações. O grupo de Ângela Branco foi outro parceiro importante nessas co-construções, pois vinha apresentando um percurso semelhante ao nosso, partindo de estudos observacionais, e caminhando para a análise de entrevistas. Trocamos muitas idéias e referências que enriqueceram nossa discussão. Carmem Craidy e seu grupo, por sua vez, não só nos auxiliaram na construção da *RedSig*, como aprofundaram-se em seu estudo, discutindo seus conceitos e fundamentos em disciplina de PG, quando estabeleceram uma discussão em rede, como também procurando usar essa perspectiva em vários de suas pesquisas, trazendo novas questões e contribuições.

Assim, os últimos dez anos de encontros formais do Cindedi demarcam um período criativo e único de construção da *RedSig*, uma perspectiva nova e original para o estudo dos processos de desenvolvimento. Não acho necessário retomar aqui os conceitos básicos da *RedSig*, pois os primeiros capítulos de nosso livro os apresentam claramente, mas devo ressaltar o enorme contribuição dos debatedores e comentaristas que nos ajudaram a co-construí-la com múltiplas mãos.

No entanto, em reuniões e supervisões temos percebido múltiplas dificuldades em assumir e empregar os conceitos dessa perspectiva, sobretudo na análise dos dados empíricos de cada projeto. Foram essas dificuldades, aliás, que motivaram a temática dessa reunião, propondo-se um debate sobre as questões metodológicas envolvidas particularmente na análise dos dados. Do ponto de vista da coleta do *corpus* a ser analisado, acho que já temos maior clareza e segurança.

A perspectiva da *RedSig* nos propõe abordar o objeto de estudo considerando a *Rede de Significações* que o circunscreve e que se transforma a cada momento e situação, com foco especial nas interações situadas em contextos específicos, físicos, sociais, ideológicos, simbólicos. Aborda-se assim o fenômeno de maneira ampla, embora sempre norteados pelo foco do estudo, explorando as interações que ocorrem em diferentes cenários, permeadas por uma matriz sócio-histórica acontecente, registrando as posições atribuídas e assumidas a cada momento pelas pessoas em interação, buscando anotar as condições que as estão produzindo e transformando. Vários registros podem ser utilizados nessa ampla coleta: registro em vídeo ou fotos, entrevistas e falas anotadas ou gravadas em áudio, notas de campo, registros a partir de documentos, ...

Tem-me parecido mais fácil realizar essa exploração ampla quando um grupo de pessoas trabalha teórica e praticamente sobre um mesmo tema. Isso nos permite abordar esse tema a partir de diferentes aspectos e cenários, focalizando diferentes interlocutores ou recortes temáticos diversos, requerendo o uso de variados tipos de registro. A montagem, atualização e manutenção cuidadosa de um banco de dados, que possa ser usado por vários pesquisadores, têm-se mostrado de extrema

importância nesse tipo de estudos. Várias pesquisas do Cindedi têm de fato sido feitas a partir de bancos de dados diversos.

Também quanto à postura do pesquisador, acho que já avançamos bastante. Sabemos todos que o dado não é dado, mas sim construído na relação pesquisador-pesquisado. Que o pesquisador não apenas recorta seus dados, conforme seus objetivos e referenciais teóricos, mas é um participante ativo da situação de pesquisa, com relação ao qual o pesquisado se posiciona continuamente, informando e se comportando de certas maneiras e não outras. Essa constatação, evidentemente, deve ser levada em conta também na análise dos dados.

Atualmente, assumimos claramente uma postura não realista em nossas pesquisas, reconhecendo que trabalhamos com atos de significação, com discursos, com interpretações. Estas, porém, estão sujeitas a uma rede de circunscritores, que estabelecem limites e possibilidades ao que é interpretado.

A proposta de pesquisa do Cindedi e da *RedSig* permanece aberta ao uso simultâneo de variados procedimentos de coleta e análise. Kátia, Carol, Regina, Lílân, Claudia Yazzle, Ticiane e outros tem representado e avançado bastante nessa proposta difícil, buscando combinar a análise das interações verbais e não verbais observadas em seu contexto, atravessadas por uma matriz sócio-histórica acontecente. O estudo de autores diversos

(como Bakhtin, Foucault, Fogel...) tem fornecido pistas para essa construção metodológica.

Para finalizar esta apresentação, e aquecer para a discussão nos grupos e durante o encontro, vou transcrever parte de um email de Zilma, que me parece suscitar questões interessantes e importantes.

“Em relação às questões para o grupo, penso que todos os sub-grupos estão se havendo com o desafio de pesquisar dentro de novos parâmetros de produção do conhecimento e pelo que entendo se refere à relação com a linguagem e à definição do sujeito. Isto é mais importante do que a velha separação entre quantitativo e qualitativo. Temos feito trajetória neste sentido e os alunos ficam nos pedindo procedimentos e passos operacionais para tratarmos certo material empírico, quer sejam dados de observação, de entrevistas, de documentos. Olhar estes dados como elementos datados é o primeiro passo, o que envolve entendê-los em uma matriz sócio-histórica. Mas aí surge a questão: como captar esta matriz e como saber se é ela mesma que está atuando. As falas e outras formas comunicativas captadas pela observação de interações das crianças: são indicações, pedidos, ordens, ameaças, e são fragmentos de discursos que circulam no ambiente da criança, usados para os indivíduos se dirigirem aos parceiros no desempenho dinâmicos de diferentes papéis que vão criando a situação interativa, tornando-a mais voltada ao real ou ao faz-de-conta. As interações assimétricas criadas nas situações de entrevistas nos levam a considerar cada resposta como possível intenção de criação de um efeito no entrevistador, de construção de uma narrativa com matizes de um drama, ou seja, de uma versão dos conflitos existentes, das superações ocorridas, dos embates havidos. Raramente uma entrevista chega a aspectos cuja resposta é um fato, um nome. Mesmo quando ela pede um “sim” ou um “não”, ela coloca o sujeito em uma posição dramática, de criar uma versão de mundo. A leitura de um documento oficial remete a uma forma de ler a realidade. Os depoimentos escritos das alunas/educadoras elaborados ao final do nosso curso costumam trazer uma visão heróica de sujeito que supera dificuldades materiais e injustiças. Qual a matriz destes discursos? São discursos ou depoimentos? O que em um depoimento é uma descrição, uma representação, um posicionamento, um discurso? E o que distingue cada uma destas coisas?”

Termino com algumas reflexões minhas, o resto deixo para o Encontro:

buscar entender um fluxo de interações implica sempre considerá-lo situado em um contexto físico, social, ideológico e simbólico, portanto continuamente atravessado por vários discursos acontecentes, que circunscrevem (possibilitam e delimitam) o curso de eventos em um contínuo devir. Busca-se apreender, em suas transformações, os lugares/posições em que cada um se coloca ou é-colocado e, reciprocamente, os lugares/posições que estão sendo possibilitados ou restringidos ao outro.

Essa busca é continuamente norteada pelas perguntas que formulamos com base em nossos objetivos de pesquisa. Ela pode subdividir-se em vários momentos, quando se define alguns recortes temáticos específicos de análise. E os objetivos podem ser redefinidos no decorrer do trabalho, formulando melhor as perguntas e circunscrevendo mais o foco de análise, o qual pode vir a considerar apenas uma parte do material coletado.

Uma boa discussão para todos nós!

Clotilde

31.01.2005

RESUMOS DOS PAINÉIS

EIXO METODOLÓGICO: VÍDEO-GRAVAÇÃO

DOUTORADO

TROCAS-SOCIAIS DE CRIANÇAS DE 1-2 ANOS E ARRANJOS ESPACIAIS EM CRECHES. *Joseane Bomfim e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Estudos anteriores evidenciaram o papel de suporte do arranjo espacial (maneira como móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si) para associações infantis em creche. Em um arranjo espacial com zonas circunscritas (ZsCs-espaco delimitado em pelo menos três lados), nosso objetivo foi verificar se crianças de 1-2 anos com diferentes frequências de troca-social com as demais do grupo, ocupam semelhante ou diferentemente o espaço quando em troca-social, em atividade individual, ao observar outras (espectador) e dirigir-se socialmente aos outros. A coleta de dados foi realizada por três câmeras automáticas de videoteipe, em duas salas de crianças de 1-2 anos de creches, durante atividades livres. O estudo, utilizando a metodologia do experimento ecológico, teve três fases (duas sessões cada): Fase I-arranjo habitual (área central vazia); Fase II-arranjo com estantes nas laterais; Fase III-arranjo espacial com duas ZsCs estruturadas pelas estantes. Os dados foram obtidos a partir do levantamento da posição espacial e do comportamento, a cada minuto, de cada criança e educadora, analisando no mínimo 3 segundos antecedentes e consequentes ao minuto considerado. Com base na frequência média de trocas-sociais do grupo e no desvio padrão, a cada fase identificou-se três subgrupos de trocas-sociais (alta frequência-AF, média-MF e baixa frequência-BF). A análise das trocas-sociais criança-criança, em cada subgrupo evidenciou: (1)-quanto maior a estruturação da sala, menor ocorrência de trocas-sociais criança-criança na zona do adulto (ZA) nos três subgrupos. A análise de ocorrência das outras três categorias comportamentais (atividade individual-AI/ espectador/ comportamento socialmente dirigido-CSD) mostrou: (1)-maior ocorrência de AI nas ZsCs do que na ZA; (2)-maior ocorrência de espectador na ZA do que nas ZsCs; (3)-maior ocorrência de CSD na ZA do que nas estantes. A análise, relacionando a ocorrência destas três categorias com os subgrupos de troca-social evidenciou que: (1)-CSD ocorreu pouco nos três subgrupos de troca-social; (2)-o subgrupo de baixa-frequência, teve maior ocorrência de espectador e menor de AI na FI; (3)-maior ocorrência de AI e menor de espectador na FII, no subgrupo de alta-frequência; (4)-menor ocorrência de espectador e maior de AI na FIII, no subgrupo de baixa-frequência. O presente estudo contribui para a compreensão da interdependência entre o papel estruturador da educadora e o arranjo espacial, apontando este como um dos elementos mediadores da troca-social de crianças de 1-2 anos. (FAPESP/ CNPq)

MESTRADO

PROCESSOS DIALÓGICOS DE BEBÊS, NO DECORRER DO PRIMEIRO ANO DE VIDA – UMA ANÁLISE PRELIMINAR. *Adriana Mara dos Anjos, Katia de Souza Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).*

Este trabalho faz parte de um conjunto de investigações que vêm contribuindo para a elaboração do conceito de dialogismo, junto à perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*. Partindo-se dessa perspectiva, entende-se que os processos de desenvolvimento são inerentemente sociais, culturais e históricos, dando-se de forma situada e relacional, a relação com o outro sendo considerada como fundante. Mais ainda, que essa relação com o outro imersa em uma cultura se dá desde o nascimento, seja o parceiro social um adulto ou mesmo uma outra criança. Apoiados nessas noções, traçamos como objetivo estudar processos dialógicos, nas interações de bebês com seus coetâneos, para verificar alguns aspectos qualitativos daqueles processos. O material empírico foi obtido do Banco de Dados do Projeto *Processos de Adaptação de Bebês à Creche*, que acompanhou o ingresso e frequência de 21 bebês (5-13 meses) a uma creche universitária. Os registros são gravações em VC (quatro primeiros meses, na creche), além de entrevistas (educadoras e mães). Na creche, os bebês foram subdivididos em três turmas (T1, T2 e T3), segundo suas idades e habilidades. Desses, decidimos selecionar três bebês, um de cada turma, de modo a ampliar e diversificar a possibilidade de apreender diferentes aspectos relacionados aos processos. Ao sorteio, obtivemos três crianças, Lúcia, Helena e Marcos, com idade de 7, 9 e 11 meses. A coleta de dados realizou-se através da edição cronológica de todas as aparições e interações de cada um dos sujeitos, no conjunto das 54 fitas. O *corpus* foi construído por transcrição microgenética de todas as cenas em que cada um dos sujeitos-focais aparece nas gravações, incluindo-se fala/ação dos adultos e de outras crianças, além de sons e eventos concomitantes. Complementamos a transcrição com dados de entrevistas. Foi feita uma análise preliminar desse material e aqui serão apresentados dois episódios. Em um deles participam dois dos sujeitos-focais – Lúcia, de 7 meses, e Helena, de 9. No outro, temos Helena interagindo com um parceiro de 10 meses. A análise revelou que, no contexto específico em que os episódios interativos foram analisados e, considerando-se que a linguagem utilizada pelos bebês é pré-verbal, as expressões faciais, gestos e posturas corporais, além de emoções destacam-se na relação com o outro enquanto recursos comunicativos, que contribuem para cumprir o papel de apreender/expressar sentimentos e ações dos bebês envolvidos nas situações, os quais se encontram atravessados por aspectos culturais do grupo e das relações continuamente constituídas com os outros parceiros. (FAPESP/CNPq)

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRUPO DE CRIANÇAS EM CRECHE: ANÁLISE DE REGULAÇÃO SOCIAL EM ATIVIDADE INDIVIDUAL. *Juliana Isis do Nascimento e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A brincadeira de crianças em grupo constitui um sistema dinâmico e configura um campo social de interações, no qual há possibilidade de regulação entre as ações de seus participantes, tanto de forma recíproca (caracterizando uma interação), como não recíproca. O objetivo deste trabalho foi verificar a presença de indícios de regulação social não recíproca na atividade individual (criança ocupada em atividade consigo própria, seja utilizando objetos ou explorando partes do próprio corpo), analisando sua frequência de ocorrência nas diferentes áreas da sala. Foi verificado se a criança em atividade individual (1) foi regulada pela ação de outro(s) participante(s) e/ou (2) regulou a ação de outro(s). Os dados foram coletados anteriormente (banco de dados sobre organização espacial em creches), em situação de atividade livre, por três câmeras automáticas de videoteipe com funcionamento simultâneo, junto ao grupo de 14 crianças de 2-3 anos e suas duas educadoras da creche do Campus da USP de Ribeirão Preto (SP). Analisou-se cinco sessões nas quais o arranjo espacial caracterizava-se pela presença de duas zonas circunscritas (área espacial delimitada em três ou quatro lados por barreiras baixas como móveis, equipamentos, desnível do solo), estruturadas por estantes baixas, uma com superfície de apoio e outra sem apoio. Os registros descritivos de 269 episódios de atividade individual incluíram indícios de regulação social, a(s) criança(s) envolvida(s), sua(s) atividade(s) e área de ocorrência na sala. Seis indícios (não excludentes entre si) de regulação de ações foram encontrados, sendo quatro deles baseados em estudos da literatura (orientação da atenção, deslocamento, ação semelhante, ação sobre objeto) e dois novos elaborados neste estudo (continuação de interação e consequência de interação). Em 114 episódios (42%) houve presença de indícios de regulação social; entretanto, este número pode ser maior, devido à impossibilidade de descrição/observação objetiva. A regulação ocorreu com frequência bem maior na zona circunscrita com superfície de apoio (49%) do que na sem apoio (19%), do que na área em torno das educadoras (14%) e no resto da sala (19%). Dentre as ocorrências nas quais a atividade individual regulou a ação de outro(s) participante(s), destacou-se a categoria de interação (49%), como consequência da regulação. A maior ocorrência de indícios de regulação social na zona circunscrita com superfície de apoio a evidencia como favorecedora da ocorrência de contatos entre crianças. Em conclusão, a presença de indícios de regulação social em atividades aparentemente individuais demonstra que estas não são alheias ao campo social. (CNPq / FAPESP)

A NOÇÃO DE CORPOREIDADE NO ESTUDO DA INCLUSÃO ESCOLAR DE DUAS CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL. *Fabio Scorsolini-Comin e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, SP)*

Na Psicologia do Desenvolvimento, alguns autores de linha sócio-histórica têm discutido sobre e trabalhado no sentido de se compreender e investigar pessoa e ambiente como elementos indissociáveis de um mesmo processo. Partindo dessa perspectiva, mais especificamente da *Rede de Significações*, e considerando as noções de dialogismo (derivadas de proposições bakhtinianas), este estudo vem investigando particularmente a questão da corporeidade (*embodiment*). Esta é entendida não apenas como corpo enquanto aspecto biológico, material, mas também como relacionado a uma “pessoa corporificada”, interpenetrada pela cultura, pelas práticas educacionais,

pelos discursos, pelas emoções, constituída de forma relacional em diversos contextos sócio-históricos, todos atravessados por múltiplas e controversas significações. Partindo disso, o objetivo traçado foi o de aprofundar a noção de corporeidade, através de específicos processos de inclusão de crianças com necessidades especiais na pré-escola do ensino regular. Para tanto, vem se utilizando gravações em vídeo, do Banco de Dados do projeto *Pré-escolas convivendo com a Paralisia Cerebral*, que acompanhou o ingresso e a frequência de quatro crianças com Paralisia Cerebral na pré-escola, da região de Ribeirão Preto. As fitas de vídeo vêm sendo transcritas na íntegra, descrevendo-se as situações ocorridas, interações, os participantes, suas falas, gestos e ações. Após a transcrição dessas situações, algumas cenas são recortadas para a posterior análise. A seleção das cenas é feita pela identificação de uma melhor visualização dos aspectos aqui investigados (corporeidade, a interação pessoa-ambiente), através dos gestos, posturas, discursos e práticas adotadas na situação pesquisada. A análise desses episódios vem sendo feita a partir da *RedSig*, que vem orientando a construção da discussão acerca da corporeidade, também a partir da noção de matriz sócio-histórica e do caráter dialógico do ser humano na relação com o *outro*. Neste painel serão discutidos certos aspectos teóricos e metodológicos sobre a articulação pessoa-ambiente, a partir dos estudos de caso de duas daquelas crianças (Issa e Laura). Devido ao quadro de Paralisia Cerebral, a primeira anda com pouco equilíbrio e tem pouco controle postural; também, não possui controle esfinteriano. Tem, ainda, boa compreensão da linguagem verbal (atende aos pedidos das educadoras, por exemplo), emitindo pequenas vocalizações. Laura apresenta boa comunicação verbal, porém não possui autonomia para a locomoção, tendo dificuldades para a manipulação e preensão de objetos, além de precário controle postural do tronco. Destes casos, destaca-se os processos dialógicos que ocorrem em suas atividades, em função de específicos aspectos orgânicos intrinsecamente articulados com as condições de cuidado e noções de Paralisia Cerebral, dentro daquele meio sócio-cultural. (FAPESP)

DIFERENTES ARRANJOS ESPACIAIS E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO POR MENINOS E MENINAS DE 1-2 E 3-4 ANOS EM CRECHES. *Elen Cristina Rigobelo Conte e Joseane Bomfim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Estudos anteriores em creches evidenciam a interdependência entre arranjo espacial - maneira como os móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si e o papel estruturador do educador. Em um arranjo espacial com zonas circunscritas (ZsCs-espaço delimitado em pelo menos três lados), nosso objetivo é comparar a preferência por áreas específicas, de meninas e meninas de 1-2 e 3-4 anos, durante a ocorrência de atividades livres em creches. A coleta de dados foi realizada por três câmeras automáticas de vídeoteipe, em duas salas de crianças de 1-2 e 3-4 anos de creches, durante atividades livres. O estudo, utilizando a metodologia do experimento ecológico, teve três fases (duas sessões cada): Fase I-arranjo habitual (área central vazia); Fase II-arranjo com estantes nas laterais; Fase III-arranjo espacial com duas ZsCs estruturadas pelas estantes. Os dados foram obtidos a partir do levantamento da posição espacial, a cada minuto, de cada criança e educadora, analisando no mínimo 3 segundos antecedentes e consequentes ao minuto considerado. Neste trabalho serão apresentadas as análises da distribuição espacial dos grupos de crianças, separadas pelo gênero, em termos de: (1) porcentagem de ocupação de determinadas áreas da sala pelo grupo de crianças e (2) número de crianças com pelo menos 20% de ocupação de cada área. A análise dos dados das crianças de 1-2 anos evidenciou: (1) as meninas ocuparam preferencialmente a zona do adulto (ZA) na FII e III, 100% das meninas permaneceram 20% ou mais nesta área; (2) os meninos ocuparam preferencialmente a área das estantes na FII e a ZsCs na FIII, em detrimento da ZA, 100% dos meninos permaneceram 20% ou mais nas ZsCs-FIII. Os dados das crianças de 3-4 anos evidenciarão: (1) decréscimo na ocupação da ZA da FI para a FII-FIII pelos meninos e meninas, na FIII nenhum menino permaneceu 20% ou mais do tempo gasto nas sessões nesta área; (2) ocupação

preferencial das áreas estruturadas pelas estantes na FII e FIII, 100% dos meninos e meninas permaneceram 20% ou mais nestas áreas. Estes dados apontam que diferentes arranjos espaciais levam a padrões diversos de distribuição espacial. A diferença observada entre as faixas etárias e o gênero indica que as meninas menores preferem a ZA, em comparação às maiores, mesmo na presença de ZsCs, indicando maior necessidade de proximidade da educadora, comparação não válida para os meninos de 1-2 anos, que apresentaram um padrão de ocupação semelhante as crianças mais velhas. (FAPESP / CNPq)

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES CRIANÇA-CRIANÇA DENTRO DO PROCESSO DE INCLUSÃO EM INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO.

Adriana Valdrighi e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo)

O termo “inclusão escolar” teve um cunho mais difundido, a partir de 1994, com a Declaração de Salamanca, que considerou que as escolas regulares seriam um dos meios capazes de conter as atitudes discriminatórias. Engajada numa concepção de sociedade inclusiva, a inclusão escolar propunha uma educação para todos, a despeito de suas diferenças, inserindo todas as crianças em instituições regulares de ensino, as quais deveriam se adaptar às particularidades dos alunos. No nosso país, na maioria das instituições, essa inclusão vem ocorrendo sem uma preparação prévia dos profissionais, sem uma adaptação física para um melhor acolhimento dessas crianças, dentre outros, deixando em aberto discussões sobre a eficácia do processo inclusivo. Um aspecto apontado por alguns autores como positivo dessa inclusão, refere-se à socialização, através da qual são estabelecidos processos interativos das crianças com e sem necessidades especiais. Considerando este último ponto, interrogou-se como essas relações são constituídas, no ambiente escolar. Isso nos levou a traçar como objetivo deste trabalho identificar como são construídas as relações entre as crianças dentro do processo de inclusão escolar, nas instituições regulares de educação infantil. Optou-se por focalizar, particularmente, as interações entre crianças com Síndrome de Down e outras sem necessidades especiais. Para a coleta de dados, foram realizadas gravações em vídeo, durante oito semanas, em pré-escola de educação infantil privada da região de Ribeirão Preto, que tinha um aluno (Rafa¹) de cinco anos, com Síndrome de Down. A análise está sendo feita através de análise microgenética, tendo como referencial a “Rede de Significações”. Considera, ainda, uma concepção de interação a partir da noção de “campo interativo”, de Carvalho e colaboradores, na qual o fazer algo juntos representa apenas uma das possibilidades desse campo. Neste painel, serão apresentados dois episódios, a partir dos quais será feita uma análise preliminar. Particularmente, será destacado que o aluno focal, no seu conjunto, estabeleceu poucos episódios interativos em que se destaca o fazer algo juntos. A despeito disso, a análise evidencia que Rafa se mostra extremamente participativo *no* e *do* ambiente, ocorrendo uma série de regulações sociais, com a imitação e o engajamento em atividades junto ao outro (e do outro às dele), havendo a aquisição de uma série de habilidades nesse contexto. O estudo revela, portanto, que apesar de uma menor frequência de interação dirigida diretamente ao outro e com o outro, os ganhos dessa criança se deram através de um processo interativo diverso, o qual deve ser mais extensamente investigado.

CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇOS EXTERNOS EM CRECHES MUNICIPAIS. *Marina Bordenale Cāsari e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

¹ Nome fictício

Existem poucas pesquisas sobre áreas externas em creches e comportamento infantil. Como não temos conhecimento de estudos neste campo em creches de Ribeirão Preto (SP), é necessária uma primeira abordagem para descrever como e quais espaços externos são usados. O objetivo deste estudo é realizar uma caracterização dos espaços externos disponíveis para crianças em creches municipais de Ribeirão Preto. Os participantes são grupo de crianças de 2-3 anos e suas educadoras, de cinco creches municipais (20%). Os dados foram coletados durante o uso de espaços externos em horários destinados pela creche. Até o momento foram observadas quatro creches (três a cinco sessões em cada) o observador registrava aspectos de quatro dimensões: 1- dimensão física: local da ocorrência, tamanho, materiais e atividades; 2- demais três dimensões (funcional, temporal e relacional): utilizou-se um registro de intervalo – após cada dez minutos era anotado em um quadro impresso a dimensão observada mais frequente naquele intervalo, diferenciando se se aplicava ao grupo todo ou a algumas crianças. De acordo com a análise dos dados obtidos até agora, verificou-se os seguintes aspectos comuns às quatro creches analisadas: 1) dimensão funcional - uso autônomo da área pelas crianças (nas quatro creches observadas); o uso dirigido pelo adulto não ocorre em todas as creches e, quando presente, não o é em todas as sessões; 2) dimensão temporal - o ritmo das atividades observadas foi lento, (em todas as creches e em todas as sessões); as áreas externas são mais utilizadas no período da manhã, embora constada na programação a utilização no período da tarde também; 3) dimensão relacional – nas quatro creches e em todas as sessões foi verificado um maior número de crianças brincando sozinhas; as díades foram observadas em todas as creches mas não em todas as sessões (25% delas em duas creches e cerca de 60% das sessões nas demais); observou-se agrupamentos maiores em uma creche, (apenas em 33% das sessões); 4) nas quatro creches, observou-se pouca interação entre as duas educadoras (apenas em uma sessão em três creches; na quarta creche, não foi observada); em todas as creches houve a ocorrência de algum tipo de ordem da educadora para as crianças (em todas as sessões de uma creche, em 50% e 60% de duas outras e cerca de 30% na outra).

DIALOGISMO E SIGNIFICAÇÃO NO ESTUDO DOS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM E SEM DEFICIÊNCIA AUDITIVA.

Rodrigues e Kátia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

Na investigação dos processos de desenvolvimento humano, a perspectiva da Rede de Significações (*RedSig*) compartilha da concepção de complexidade no estudo de tais processos, através do que considera que uma malha de elementos (pessoais-relacionais-contextuais) intrinsecamente relacionados contribui para a constituição das pessoas. A utilizada metáfora de rede possibilita expressar que, nessas malhas de elementos, as relações nas quais as pessoas fazem parte são entendidas como compondo um universo semiótico, evidenciando a importância de se destacar a significação na constituição humana como condição mesmo daquilo que é especificamente humano. Assim, as discussões que envolvem a linguagem, mais especificamente as que envolvem os processos de aquisição de linguagem, vão enfrentar, tangenciar ou incorporar o problema da significação. Ainda, em estudos mais recentes daqueles processos de aquisição de linguagem, tem sido considerada uma ampliação da conceituação de linguagem na medida em que as múltiplas formas de se manifestar são básicas e inerentes para qualquer pessoa em seus modos de relação, apreensão e expressão de significações. Diante de tudo isso, que se concebe o princípio dialógico na constituição do ser humano. O dialogismo pode ser definido como o princípio constitutivo da linguagem, o que significa que toda linguagem, em qualquer campo, está impregnada por relações

dialógicas. Assim, nessas relações é que se permite emergir condições para que desde o nascimento a pessoa seja o sujeito da linguagem. Partindo desse referencial, é que se fará a investigação do processo de aquisição de linguagem, através da análise de duas crianças: uma sem e outra com deficiência auditiva, em seu primeiro ano de vida. A meta é investigar as características em que se dá tal processo, amparado por uma perspectiva dialógica do ser humano, e partindo sobre tudo da ampliação no conceito de linguagem. A construção do *corpus* de investigação dar-se-á por meio de gravações em vídeo (VHS): a da criança sem deficiência auditiva faz parte do Banco de Dados do projeto Integrado *Processos de Adaptação de Bebês a Creche*, (Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994), que acompanhou 21 bebês, suas famílias e as educadoras após o ingresso de uma creche universitária; e a da criança com deficiência será feita pela pesquisadora a partir de seleção da criança em um hospital terciário da região de Ribeirão Preto. Partindo da perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*, far-se-á uma análise *microgenética* a partir dos processos que ocorreram na situação investigada, apreendendo as mudanças e nuances nos comportamentos, ao longo do tempo. Os principais referenciais teóricos utilizados são Henri Wallon, Jerome Bruner, Mikhail Bakhtin, Vygotsky, de Lemos, além da perspectiva teórico-metodológica da *Rede de Significações*.

EIXO METODOLÓGICO: ENTREVISTA

DOUTORADO

A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES NO CONTEXTO DA ADOÇÃO. *Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A adoção de crianças não é um tema novo em nossa sociedade, contudo a inserção destas crianças em famílias substitutas continua gerando polêmicas, sendo vista como um desafio para as pessoas diretamente envolvidas, principalmente pais e criança adotada. Subjetividade é outro tema amplamente discutido e controverso atualmente. O referencial teórico-metodológico norteador desse estudo é o da Rede de Significações. Nele, a pessoa é vista como múltipla, porque múltiplos são os outros com quem interage, e porque são múltiplas as vozes que compõem o mundo social e os espaços e posições que a pessoa vai ocupando nas práticas discursivas. A subjetividade é constituída através das práticas sociais, em um processo dialético constante de identificar-se e diferenciar-se dos outros. O presente trabalho aborda a questão da inserção de crianças pequenas em famílias substitutas (adotantes) e apresenta reflexões sobre um dos elementos presentes na construção das subjetividades das pessoas envolvidas neste processo. Participaram do estudo duas famílias que adotaram crianças menores de 18 meses. Para tal, foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas com os pais durante nove meses desde a chegada das crianças. Como recurso adicional, foram feitas observações na instituição em que as crianças estavam abrigadas, entrevistas com as psicólogas e assistentes sociais responsáveis pelos casos no fórum, além notas de campo do pesquisador. Foram feitos recortes das entrevistas focando-se a inserção das crianças e elementos participantes da construção de suas subjetividades. Como resultado observou-se que as chegadas das crianças adotivas implicaram em transformações nas redes de relações já existentes nas famílias. Essas crianças assumiram/foram colocadas nas posições de *filho*, de *irmão*, de *neto*, de *sobrinho*, etc. naquelas famílias. Considerando-se os campos interativos pai-filho e mãe-filho, nota-se que, ao mesmo tempo em que as crianças eram colocadas na posição de *filho*, dialogicamente, os casais candidatos à adoção estavam tentando se constituir como *mãe* e *pai* dessas crianças. Ao longo do tempo, os membros da relação foram sendo significados e ressignificados através das e nas interações estabelecidas. Surgiram outros sentidos em função daquilo que foi possível ser e viver enquanto pais reais diante de um filho concreto e das outras pessoas. Subjetividades foram e estão sendo construídas num movimento dialógico nas relações estabelecidas entre pais, filhos, parentes e amigos. Sentidos diversos co-existem nas falas dos pais enquanto continuam se construindo e se ressignificando enquanto pais, irmãos, avós, tios, etc., participando da construção da subjetividade um do outro. (FAPESP/CNPq)

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS DURANTE A INSERÇÃO DO BEBÊ NA FAMÍLIA ADOTANTE: UM ESTUDO DE CASO. *Regina Claudia Mingorance e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

No campo da adoção são comuns preocupações quanto ao processo de estabelecimento dos vínculos entre a família adotante e a criança adotada. Trabalhos nesta área, geralmente respaldados na Teoria do Apego, acabam focando a relação mãe-bebê e os padrões de apego estabelecidos. O presente trabalho objetivou compreender o processo de integração do bebê na família adotante, ampliando o foco da díade mãe-bebê para outras relações que vão se configurando entre o bebê e as pessoas próximas presentes no seu contexto de desenvolvimento, buscando compreender a configuração da trama relacional no contexto familiar, os sentidos construídos das relações vivenciadas, nos momentos interativos entre o bebê e as pessoas presentes no seu contexto, suas repetições e mudanças ao longo do tempo. Acompanhou-se duas famílias adotantes, em casa, no primeiro ano de ingresso do bebê, participando pais e pessoas presentes. Os pais foram entrevistados, abordando questões sobre história de vida. Realizaram-se gravações em vídeo (30 minutos) de situações interativas entre bebê-adultos, com periodicidade diversa. Após o primeiro mês e no 12º, pais e adultos presentes foram entrevistados abordando suas relações com o bebê. Utilizou-se notas de campo anotando-se impressões da pesquisadora e informações das visitas. A análise dos dados baseada na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações focalizou a multidirecionalidade das relações entre o bebê e os adultos, os campos interativos em que se configuravam os papéis/posições e contrapapéis assumidos e atribuídos entre os bebês e os pais e outras pessoas próximas, dentro de um contexto sócio-cultural. Um primeiro contato com o material de uma das famílias, evidenciou: período de espera e desenvolvimento do vínculo mãe-bebê imaginário, recusa do pai em criar um filho imaginário e movimento de aproximação e afastamento de ambos no encontro com o bebê real; busca dos pais por uma familiaridade com a criança através de traços físicos e comportamentais; aspectos culturais e pessoais influenciando nas posições assumidas e atribuídas a cada protagonista na relação com o bebê e nos sentidos atribuídos aos comportamentos deste. A mãe inicialmente estabelecida como figura preferencial do bebê e posteriormente o pai. Relação de afastamento entre o bebê e sua tia sob o ponto de vista desta e dos demais e afinidade com a babá. Vivências de conflitos, durante o primeiro ano de chegada do bebê, atravessadas pela temática da adoção, porém sem confrontos diretos, possivelmente devido ao menor poder de negociação do bebê pela sua condição maturacional. Esta primeira aproximação com o material sugere a pluralidade de sentidos construídos no aqui-agora das situações circunscrevendo formas diversas de relações afetivas entre o bebê adotivo e as pessoas próximas no seu contexto. Tal panorama reflete os conflitos vivenciados no processo de inserção do bebê na família adotante remetendo à importância de maiores discussões sobre o tema e um acompanhamento mais próximo com as famílias adotantes, não apenas em situação de adoção tardia, mas também em adoções de bebês. (FAPESP/CNPq)

INCLUSÃO/EXCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM EPILEPSIA: PERSPECTIVAS DOS PAIS, PROFESSORES E DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS. *Ticiane M. S. Roriz, Katia S. Amorim & M. Clotilde Rossetti-Ferreira (Departamento de Psicologia e Educação – F.F.C.L.R.P. - USP).*

A discussão sobre inclusão é de grande relevância em nossa sociedade e têm emergido como uma questão ética. Vários grupos têm aderido a essa concepção, como o de pessoas com epilepsia, as quais são vistas como estigmatizadas, mesmo após o controle das crises. Muitas vezes, atitudes

de rejeição iniciam-se no próprio agrupamento familiar. E delas decorrem restrições à participação em atividades próprias da idade, como a frequência à escola regular. Por tudo isso, levantamos a hipótese de que a criança com epilepsia não só tem a *percepção* de limitações sociais, como de fato as *tem*. E que, devido ao estigma, essa percepção/limitação dá-se em vários contextos e relações, que incluem o espaço escolar. Finalmente, que esses processos de inclusão/exclusão não necessariamente dependem da persistente ocorrência das crises epiléticas, podendo manifestar-se mesmo em situação de controle destas crises, pois se cristaliza o rótulo de “criança epilética”. Assim, o objetivo deste projeto será investigar como professores e familiares de crianças com epilepsia concebem e vivenciam a “epilepsia” no cotidiano da educação escolar. E ainda, como a própria criança aborda essas vivências escolares. Para tanto, teremos como pivô do estudo, seis crianças, entre seis e dez anos de idade. Duas delas deverão estar frequentando escola especial, duas classe especial e duas salas de aula regulares de 1ª a 4ª série. Em cada dupla, uma das crianças deverá ter as crises controladas, enquanto na outra o controle das crises ainda não tenha sido atingido. A seleção das crianças será feita através de revisão de prontuários médicos de um serviço hospitalar especializado ou ainda em escolas especiais. Será feita uma entrevista semi-estruturada, com os professores e as famílias. E ainda uma entrevista com a criança, que terá características não-estruturadas e lúdicas. A análise será baseada na perspectiva da *Rede de Significações*. O presente projeto poderá vir a contribuir com a área tanto da intervenção ligada à qualidade de vida de crianças com epilepsia, como com a área da Educação Especial e regular. (FAPESP, CNPq)

MESTRADO

DIALÉTICA INCLUSÃO/EXCLUSÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL E SUAS FAMÍLIAS - PRISMA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. Ticiania M. S. Roriz (Programa de PG em Saúde Mental, do Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica – F.M.R.P. - USP), Katia S. Amorim & M. Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

A discussão sobre “inclusão social” ganha crescente relevância na nossa sociedade, ao tratar do respeito às diferenças, dos direitos e da participação igualitária dos cidadãos. A diversidade de pessoas que evoca essa premissa é imensa, por aspectos étnicos, sócio-econômicos, sexuais e ligados às necessidades especiais. No caso de crianças com necessidades especiais, a inclusão abarca a participação em instituições de educação (“inclusão escolar”). Porém, a despeito da criação de leis e regulamentações, os preconceitos, além da não observância de aspectos como capacitação de educadores e acessibilidade física, dificultam sua concretização. Considerando a relevância e complexidade do tema e que esse processo é frequentemente mediado por profissionais de saúde, estudou-se a inclusão de crianças com Paralisia Cerebral, com foco nesses profissionais. Indagou-se como eles concebem *a* e participam *da* inclusão dessas crianças. Foram investigados os profissionais que atendiam duas crianças de três anos, acompanhadas em serviços de saúde da região de Ribeirão Preto (SP). O *corpus* para análise foi obtido por entrevistas semi-estruturadas (neurologista infantil, pediatra, médico de saúde da família, enfermeira, fisioterapeuta, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, psicóloga e assistente social); visita domiciliar às crianças e famílias; e, notas de campo. A coleta e análise foram feitas com base na *Rede de Significações*. As crianças pivôs - Davi e Letícia² - têm comprometimentos decorrentes da Paralisia Cerebral, sendo distintos em cada criança. Em Letícia, os comprometimentos motores são mais evidentes no lado esquerdo; ela não fala e usualmente rejeita contato interpessoal. Em Davi, a limitação motora é mais evidenciada

nos membros inferiores; ele comunica-se verbalmente e busca o outro. Cada família se organiza e participa no tratamento de maneira bem diversa, sendo a de Davi bastante participativa e a de Letícia demonstrando-se confusa, quanto ao quadro e tratamento da criança. Predominantemente, o olhar dos profissionais é descontextualizado, dirigido à criança individualmente; ainda, fragmentadamente de acordo com a formação profissional. Porém, contextos de atuação (serviço comunitário ou terciário, por exemplo) são elementos que disponibilizam distintas perspectivas e práticas discursivas. Também, a organização dos contextos familiares revelou-se importante elemento na construção das concepções, expectativas, relações e atuações desses profissionais junto às crianças/famílias. A articulação desses vários elementos contribui para circunscrever, para os profissionais, o papel de competente/impotente frente ao caso, participativo/não-participativo, promotor/desfavorecedor dos processos de inclusão. Imersos nesses papéis/contra-papéis, sua perspectiva/participação contribui para reforçar a dialética da inclusão/exclusão das crianças e suas famílias. (FUNCAP, FAPESP, CNPq)

ENTREVISTANDO CRIANÇAS – QUESTÕES ÉTICAS E DESAFIOS

METODOLÓGICOS. *Lilian de Almeida Guimarães Solon, Nina Rosa do Amaral Costa, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Os estudos que procuram compreender as experiências das crianças através do uso de informações coletadas *diretamente com elas* têm ganhado visibilidade. O pesquisador que se propõe a utilizar a entrevista com crianças se depara com questões éticas e desafios metodológicos. Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões desenvolvidas a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema, levando-se também em consideração a experiência vivenciada durante a realização de uma pesquisa que investiga as perspectivas da criança em processo de adoção tardia. Foram realizadas entrevistas individuais com três crianças, sendo utilizado material de apoio (lápiz, folhas de sulfite, bonecos família, fantoches, casinha de boneca) para estimular a lembrança da criança e evocar demonstrações não-verbais de eventos. No primeiro encontro, convidava-se a criança a conversar sobre sua história de adoção. A revisão e a experiência de pesquisa apontam para quatro eixos necessários de aprofundamento: 1) direito da criança em optar pela participação na pesquisa; 2) o momento de realização da entrevista com relação ao fenômeno estudado; 3) o número de entrevistas com cada criança; 4) formato e conteúdo. A questão da possibilidade de aceitação ou não, pela criança, da realização do estudo, circunscreve-se dentro de uma preocupação ética do potencial de mobilização da temática estudada. Enquanto que para alguns autores a entrevista pode representar uma situação de grande tensão, para outros a criança pode beneficiar-se dela. Articulada a esta questão, a literatura aponta que as crianças pequenas se beneficiam de entrevistas repetidas, aprendendo como falar sobre o evento em questão, assinalando a importância de se considerar o número de entrevistas com a mesma criança. O momento de coleta das informações, na literatura, aparece como um tema de muita controvérsia. Para alguns autores, a entrevista deve ser realizada logo após o evento investigado no sentido de se garantir precisão e fidedignidade. Outros consideram a necessidade de tempo suficiente após a ocorrência do evento, para que o fato torne-se história e possa ser narrado. Em se tratando de conteúdo e formato, aponta-se para a necessidade de flexibilizar os procedimentos planejados de acordo com cada criança, levando-se em conta o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra, o local da entrevista e o temperamento da criança, o que só é possível ser feito após o primeiro encontro. Refletir sobre cada um desses eixos facilita

² Nomes fictícios

o trabalho de investigação, assim como potencializa a relação concreta do pesquisador com a criança com quem interage. (CNPq, FAPESP)

ADOLESCENTES NO MOMENTO DE SAÍDA DO ABRIGO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE SI-MESMO. *Ana Laura Moraes Martinez e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Os discursos, práticas e ações acerca do abrigamento de crianças e adolescentes são marcados, na atualidade, por uma série de contradições e entendimentos possíveis. Em seus aspectos legais, o abrigo é marcado pelo princípio da *provisoriedade* (conforme preconizado pelo ECA), delimitando que a permanência da criança ou adolescente vitimizado no abrigo deve ser rápida. Estes aspectos legais contrapõem-se a uma realidade histórica e cultural caracterizada por abrigamentos bastante longos no tempo de vida desta população. Em decorrência desta realidade complexa, inúmeras crianças permanecem em condições de abrigamento por longo período, tendo de vivenciar o desabrigamento, particularmente quando atingem a maioridade. Considerando-se que este momento traz inúmeras contradições para este adolescente, em especial no que se refere à questão da identidade, acreditamos ser esta uma situação que possibilita um estudo a respeito do sujeito que vivencia esta complexa realidade. O presente projeto tem por objetivo descrever sentidos de si construídos no momento de saída do abrigo, atentando-se em especial para as narrativas produzidas pelos adolescentes a respeito de *si mesmos*. E ainda, compreender como os adolescentes significam a si mesmos, *imersos em e circunscritos a* determinadas condições de abrigamento/desabrigamento (família de origem, tempo de abrigo, redes de apoio, diálogos com o abrigo, etc.) O *corpus* da pesquisa será construído através de entrevistas individuais realizadas com os adolescentes e de visitas ao abrigo (registradas em notas de campo), durante o processo de desabrigamento. A análise será feita a partir da perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações bem como através da perspectiva da narrativa, enfocando-se particularmente os sentidos atribuídos/negociados a *si mesmo* pelo adolescente, vislumbrando-os enquanto produções situadas na e a partir de suas condições de abrigamento/desabrigamento. Acredita-se que este projeto terá como contribuição um maior entendimento acerca dos processos de construção da subjetividade, particularmente em momento marcados por transições. Além disso, pretende-se avançar no sentido de se entender as condições de abrigamento/desabrigamento enquanto arena e motor para a construção de sentidos sobre o *si mesmo*. (FAPESP)

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

VOZES SOCIAIS NA IDENTIDADE NARRATIVA DE HOMENS COM VIVÊNCIA NO CRIME. *Tais Niero Pinheiro e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Neste trabalho, adota-se a concepção da identidade como um fenômeno social, constituindo-se num processo dialético entre a pessoa e seu contexto cultural e interacional. Mais particularmente, defende-se que a identidade pode ser investigada através da narrativa, já que, ao narrar suas experiências, o sujeito produz sentido sobre o mundo e sobre si mesmo. No caso dos homens com vivência no crime, acredita-se que suas identidades narrativas são atravessadas por vozes sociais, representantes de discursos construídos socialmente, sobre crime e criminosos, afetando a forma

como eles se vêem e se descrevem. A partir dessas considerações, tem-se como o objetivo investigar como algumas vozes sociais estão presentes na narrativa dos sujeitos e como essas estão influenciando na formação da identidade narrativa de homens com vivência no crime. São utilizadas informações de dois participantes que fazem parte do banco de dados: “*Identidade Narrativa e Práticas Criminais*”, pertencente ao CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil). Os dados foram obtidos através de entrevistas biográficas, gravadas e transcritas na íntegra. Os sujeitos são do sexo masculino, idade em torno de 40 anos, com histórias de rompimento com o crime após terem passado períodos em instituições prisionais que variam de 11 à 14 anos. Os procedimentos para o tratamento das entrevistas foram: (1) recortes temáticos; (2) identificação dos trechos onde apareciam vozes sociais, vozes de outras pessoas na narrativa do sujeito; (3) marcações realizadas em todos os trechos identificados (*de quem é* a voz social, e *como* o sujeito se identifica no diálogo com essa voz); (4) descrição do que ocorre em cada trecho identificado para cada entrevista. A discussão aponta que é no diálogo com as diferentes vozes sociais, presentes na narrativa, que se configuram as identidades dos participantes. A maneira como esses diálogos acontecem se mostrou variada. Enquanto que para um participante algumas vozes são trazidas no sentido de dar suporte social a uma determinada identidade, para outro, essas vozes aparecem para dar força a um posicionamento agente do sujeito em relação aos discursos sociais sobre ele. Essas vozes, presentes nas narrativas dos participantes, são representantes de discursos sobre crime e criminosos, que muitas vezes coincidem com os que aparecem na literatura. Esses discursos constituem circunscretores sociais para o posicionamento identitário dos participantes. (CNPq)

(RE)SIGNIFICAÇÃO E/OU TRANSFORMAÇÃO DOS DESEJOS DE UM CASAL ADOTANTE COM A CHEGADA DA CRIANÇA NA FAMÍLIA. *Cecília Souza Oliveira, Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Com a chegada de uma criança na família adotante, emergem-se múltiplas significações, emoções e desejos. Esse processo se dá em relações situadas e contextualizadas, levando-se em conta a natureza dialógica das relações, bem como as vivências pessoais. Considerando esses aspectos, os desejos podem se (re)significar e/ou se transformar durante o processo de adoção, sendo que isso pode ocorrer através da negociação dos mesmos. Neste estudo, conceitua-se desejo como aquilo que surge pela ausência de algo que se gostaria de ter num determinado momento. Esse estudo teve a Rede de Significações como referencial teórico-metodológico norteador dessa discussão. O objetivo deste estudo foi investigar desejos de uma família adotante ao longo de dez meses. Como recurso, foram utilizadas cinco entrevistas semi-estruturadas gravadas em áudio com um casal adotante que passou pela primeira experiência de cuidados com filhos, as quais estão arquivadas em um banco de dados. Após uma vivência inicial através de pesquisa bibliográfica, foi realizada a transcrição das entrevistas do casal adotante em estudo. Posteriormente, foi feita uma leitura detalhada das entrevistas num constante embate com a teoria e realizou-se um levantamento sequencial dos variados temas que emergiram durante as mesmas. Para tanto, utilizou-se um quadro temático para cada uma das entrevistas. Esses blocos foram preenchidos com o tema mais abordado durante o trecho sendo que os eixos temáticos foram determinados a partir do levantamento inicial dos temas. Após essa visualização mais sistemática das entrevistas, focou-se mais detalhadamente nos desejos que emergiram nas entrevistas, tendo como critério os relativos à adoção. Novamente foram feitos blocos de eixos temáticos, só que, neste momento, focando nos desejos. Assim, foram levantados sete eixos temáticos de desejos, verificando que os mesmos emergem de diferentes formas durante

o processo de adoção. As distintas formas de manifestação dos desejos ocorrem em função das (re)significação e/ou transformação dos mesmos. Isso é possível pois, em um movimento de figura e fundo, e, de acordo com o momento, contexto e relações dialógicas, múltiplos desejos emergem ou não. Assim, em cada instante do processo emergiram, ou foram manifestos desejos transformados e/ou (re)significados, proporcionando a emergência de múltiplos sentimentos e expectativas ao lidar com as novas situações ao longo do tempo vivido nas relações. (CNPq, FAPESP)

CONSTRUINDO-SE PAI NO PROCESSO DE ADOÇÃO DO PRIMEIRO FILHO. *Raylla Pereira de Andrade, Nina Rosa do Amaral Costa e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

O modelo nuclear patriarcal de família vem sendo questionado pelos movimentos sociais do século XX e outras formas de organização familiar ganham visibilidade, como as famílias recompostas e as adotivas. A família adotiva é uma realidade vivida por milhares de pessoas e uma das possibilidades ao tornar pai. A partir da chegada da criança na família adotante, papéis assumidos por cada familiar são transformados e o pai vivencia um processo de construção e ressignificação de sentidos de paternidade nas interações com a mãe, a criança e outros interlocutores. Objetivamos investigar esses diversos sentidos de paternidade emergentes em diferentes momentos do processo de adoção, considerando o caráter relacional, situado e sócio-histórico-cultural da paternidade. Os referenciais para construção e análise do *corpus* foram a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, em interlocução com os estudos sobre adoção, gênero e família. Realizamos um estudo de caso longitudinal (um ano) com um casal (Kátia¹ e Antônio¹) em processo de adoção de seu primeiro filho (Gisela¹). O *corpus* de análise é composto por quatro entrevistas semi-estruturadas, armazenadas num banco de dados do CINEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) e notas de campo da pesquisadora. Após as transcrições e leituras minuciosas, fizemos levantamento temático e estabelecemos temas agregadores de acordo com nosso objetivo: I) Questões de uma paternidade adotiva, II) A paternidade em relação com a conjugalidade e com concepções de família e III) “O pai provedor” e “ajudante” da mãe. Aparecem especificidades do contexto de adoção, como preconceitos, hereditariedade, infertilidade, passado da criança, agonia do tempo de espera, que se configuram como importantes circunscritores sociais na constituição dessa paternidade adotiva. Percebemos que, embora tenha havido socialmente diversas mudanças nas concepções de família e nas relações de gênero, favorecendo a participação e envolvimento dos pais nos cuidados com os filhos, Kátia ainda se apresenta como a grande responsável por esses cuidados e Antônio responsabiliza-se pela situação financeira da família. A análise do material evidencia momentos de negociação de sentidos de paternidade pelo casal, que ressaltam a sua construção relacional. (FAPESP)

IDENTIDADE DE EDUCADORAS DE CRECHES DURANTE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO EM NÍVEL MÉDIO. *Delma Bezerra e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A educação infantil vem sofrendo, ao longo das últimas décadas, mudanças que são decorrentes das transformações sociais no país e de diferentes instrumentos legais, os quais inseriram a creche e a pré-escola no âmbito da educação. Tais fatos desencadearam profundas metamorfoses nas funções dessas instituições e consequentemente de suas educadoras, requerendo das mesmas um esforço para corresponderem às novas demandas. Na busca de se adequarem à nova realidade e de cumprirem

a exigência de formação da LDB/ 9394/96, algumas educadoras têm ingressado em programas de formação destinados especificamente aos profissionais da educação infantil, em especial àqueles do segmento creche. Uma das questões que se colocam a partir desse ingresso é em que medida esses cursos contribuem para a construção de novas identidades profissionais e pessoais. Considerando isso, este trabalho investigou que sentidos essas educadoras constroem sobre esses cursos e como eles contribuem para a (re) construção de suas identidades. A construção do *corpus* de pesquisa se deu em cinco momentos: (1) Contato com as participantes para apresentar o projeto; (2) Realização de entrevistas com as educadoras; (3) Transcrição das entrevistas na íntegra; (4) Tratamento das entrevistas; (5) Análise do material. A partir de um entendimento de que a identidade é (re)construída nas e através das interações, procurando-se desenvolver essa última etapa com base nas perspectivas da narrativa e da Rede de Significações. Os resultados preliminares indicam que as educadoras vêem os cursos de formação como: (1) um meio de se manterem ou ascenderem na posição que ocupam dentro da instituição; (2) uma possibilidade de aumentarem sua remuneração; (3) uma oportunidade de se socializarem e aprenderem a ser mais auto-controladas na relação com a criança; (4) um sacrifício mesclado com uma culpa por terem que deixar seus filhos e sua casa para freqüentarem o curso; (5) um momento que lhe permitiu perceber que poderia se expor mais às crianças e aos pais. Ao analisar a narrativa das educadoras, conclui-se que esses sentidos atribuídos pelas educadoras ao curso contribuem na (re) construção de suas identidades à medida que configuram novas necessidades de sobrevivência, de realização e de crescimento pessoal e profissional. (Pró-Reitoria de Pesquisa- USP, CNPq e Fapesp)

CONVERSANDO COM CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA – O OLHAR DA CRIANÇA SOBRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL *Gabriela Campos Darahem e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Durante muito tempo, e ainda hoje, nossa sociedade, organizada em torno dos adultos e suas atividades, compartilha uma concepção de criança como um vir a ser. Algumas áreas diferentes do conhecimento, no entanto, trazem contribuições para que as concepções de criança e de infância vigentes sejam repensadas. Entre essas diversas áreas do conhecimento está a Psicologia, e mais especificamente a Psicologia do Desenvolvimento, que, com seus estudos, serviu como “inspiração” para um olhar mais atento à criança. Além disso, dois recentes campos de pesquisa da infância em muito têm contribuído para o reconhecimento da criança como co-construtora da história de seu tempo: o campo da cultura da infância e o da sociologia da infância. Além das contribuições dessas áreas de estudo e pesquisa, instrumentos legais recentes, como o ECA e a LDB, ajudam no processo de reconhecimento da criança como sujeito de direitos. Contudo, há uma enorme distância entre o que as leis asseguram e o que efetivamente ocorre no cotidiano das crianças. Além disso, mesmo quando os direitos das crianças são atendidos, a opinião desses sujeitos é muito pouco ouvida e respeitada. Por exemplo, no caso da Educação Infantil, a participação das crianças no planejamento da rotina e das atividades da instituição geralmente é muito pequena. Partindo da idéia de que a criança na nossa sociedade possui pouco poder até mesmo em espaços dedicados a ela (como as instituições de Educação Infantil), o objetivo desta pesquisa é saber qual a visão que as crianças têm da instituição que freqüentam: se sabem por que freqüentam, se gostam, o que acham de estar na pré-escola, entre outras questões. A coleta será feita com crianças de pré-escola que tenham entre 5 e 6 anos e que estejam no último estágio da Educação Infantil. Serão realizadas visitas semanais à instituição, durante as quais serão promovidas atividades, para a familiarização das crianças com a pesquisadora, dentre elas, rodas de conversação. Estas atividades serão gravadas em áudio e vídeo. O procedimento de análise dos resultados se encontra em processo de estudo. Essa

pesquisa pode contribuir para uma reflexão sobre a participação da criança no planejamento de sua rotina na instituição.

O MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Mara Isis de Souza e Ana Paula Soares da Silva (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

A predominância feminina nas instituições de educação infantil é algo perceptível até aos menos observadores. E parece natural que seja assim. Esta situação, porém, não é determinada apenas pelos condicionantes de nosso tempo. Trata-se, na verdade, do resultado de uma construção histórica de dicotomização dos papéis masculino e feminino, dicotomização esta ligada às funções em diferentes ambientes sociais, tanto no âmbito familiar como nas relações de trabalho. Se por um lado, o fato da predominância feminina na educação infantil constitui culturalmente uma razão para que este trabalho seja visto como um “trabalho menor”, até mesmo por educadoras, por outro, encontramos a defesa de que a ampliação da participação masculina na educação infantil enriqueceria a vivência das crianças. O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel masculino em instituições de educação infantil, a partir do ponto de vista de homens que trabalham neste espaço. O *corpus* de pesquisa será constituído por meio de entrevistas semi-estruturadas sobre a atuação de 04 profissionais de educação infantil, todos de instituições públicas: 01 coordenador de creche; 02 educadores de creche e pré-escola; 01 educador de pré-escola. As entrevistas registradas em fita cassete e transcritas na íntegra. O projeto está em fase de definição da metodologia de análise. O estudo das consequências da participação masculina em instituições voltadas para a educação de crianças de zero a seis anos pode contribuir significativamente para uma profunda reflexão a respeito do caminho a ser trilhado para a diminuição das diferenças culturais entre os gêneros, partindo de uma esfera restrita, como as referidas instituições, para uma esfera mais ampla.

A REDE DE SIGNIFICAÇÕES COMO SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA SE DISCUTIR O OLHAR DO PESQUISADOR, A PARTIR DE DOIS TRABALHOS: ADOÇÃO E INCLUSÃO PRÉ-ESCOLAR. *Fabio Scorsolini-Comin, Cecília Souza-Oliveira, Katia de Souza Amorim, Caroline Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Elaborada a partir de pressupostos sócio-históricos, a perspectiva da *Rede de Significações* representa uma alternativa para se compreender e investigar o desenvolvimento humano, este entendido como se dando ao longo de todo o ciclo vital, a partir de inúmeras e entrelaçadas interações estabelecidas pelas pessoas, em diferentes contextos e grupos sócio-político-culturais, imersas em processos complexos. Todos esses elementos são entendidos como permeados por polissêmicas práticas discursivas, que continuamente se inter cruzam, se interpenetram e se (re)configuram no aqui-agora das situações, circunscrevendo o desenvolvimento das pessoas. Este tem sido o referencial de nossas pesquisas – especificamente um estudo sobre adoção e outro sobre inclusão pré-escolar, cujos materiais empíricos são provenientes de entrevistas semi-estruturadas com um casal adotante e gravações em VHS de crianças com Paralisia Cerebral, em processos de inclusão pré-escolar, na rede regular de ensino. Porém, o uso daquele referencial tem nos levado a reflexões acerca do modo de se pensar a pesquisa e o pesquisador em Psicologia. Tais reflexões têm levado a uma inquietação e à necessidade de articular os trabalhos, tendo em vista as ansiedades e questões mobilizadas. Esta proposta ganhou enlevo com o advento do IX Encontro Científico do CINDEDI, em 2004, uma vez que a *RedSig* abria espaço não apenas para o diálogo entre tais pesquisas, mas também para uma

reflexão acerca do olhar do pesquisador, com base nesse recurso teórico-metodológico. A análise dos nossos dados tem nos proporcionado uma série de dúvidas enquanto, simultaneamente, tem aberto diferentes possibilidades de se pensar a questão do pesquisador no fazer da pesquisa. Um dos aspectos destacados em nossas reflexões é a necessidade do pesquisador estar atento aos múltiplos elementos que se inter cruzam e podem se (re)significar constantemente no aqui-agora das situações. Isto vem se mostrando como um dos grandes desafios em nossas pesquisas, o de justamente estabelecer qual deve ser o olhar perspectivo do pesquisador para que ele possa ter um objeto de estudo mais focal, enquanto contempla toda uma grande gama de elementos em que aquele tópico se encontra imerso (CNPq e FAPESP).

EIXO METODOLÓGICO: ANÁLISE DOCUMENTAL

DOUTORADO

A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM QUESTÃO: ANÁLISE DE PRINCÍPIOS EM DOCUMENTOS ESTRANGEIROS. *Tatiana Noronha de Souza e Mara Campos-de-Carvalho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Nas últimas décadas, houve uma expansão do número de instituições de educação infantil, acarretando no surgimento da preocupação com a qualidade do atendimento oferecido. Diversos países elaboraram documentos que expressam quais são os princípios sobre qualidade do atendimento infantil. A possibilidade de intercâmbio destes documentos entre países de cultura ocidental leva-nos a supor que nos faz pressupor a existência de um compartilhamento de princípios relativos à qualidade. A presente pesquisa objetiva identificar quais os princípios comuns de qualidade em materiais produzidos pela comunidade educacional em 15 países de cultura ocidental: Brasil–3 documentos; Estados Unidos–1 documento; Austrália–1 documento e 12 Países Membros da Comunidade Econômica Européia–3 documentos. É realizada a análise individual de cada documento – através de afirmações que se refiram a qualquer prática que a instituição deva utilizar para atingir um atendimento de qualidade (análise temática). Os temas são agrupados em categorias temáticas, sob títulos genéricos, sendo semântico o critério de categorização. São identificadas categorias temáticas *comuns* ao conjunto de documentos, através do critério de sua presença em pelo menos quatro deles (metade mais um). Dentro de cada categoria temática comum é verificado quais sub-temas são *comuns* a vários documentos (critério: metade mais um). Ilustrativo desta análise foi a identificação de sete categorias temáticas comuns em documentos do Brasil e Europa: Política de financiamento, Proposta pedagógica, Formação dos educadores e suas necessidades, Interações Sociais, Relação creche-família, Saúde e Organização do Espaço. Em ambos (Brasil e Europa), em relação à categoria Proposta pedagógica identificou-se, entre outros, o sub-tema “Respeito à diversidade”. Neste sub-tema os documentos indicam que a creche deve responder ao princípio de igualdade de oportunidades independente de sexo, credo religioso, diferenças individuais. Na Europa, destaca-se um indicador, sobre o tipo de problema que pode ser objeto de estudo, neste caso a discriminação com a população negra. No Brasil, destaca-se, dentre outros, o indicador sobre o critério de admissão das crianças, que deve ser democrático, transparente e não discriminatório, pois, diferentemente da Europa, o Brasil atende apenas 0,76% da demanda total de crianças que necessitam das creches. (FAPESP/CNPq)

COMO COMPREENDER AS ADOÇÕES “PRONTAS” OU DIRETAS? ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS. *Fernanda Neísa Mariano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Em pesquisa realizada no Mestrado, foram analisados processos judiciais de adoção e pôde-se verificar que a modalidade de adoção que mais ocorre em Ribeirão Preto – SP são as “prontas”,

resultado também obtido em pesquisas realizadas em outros municípios brasileiros. Nessas adoções, os pais biológicos e/ou mediadores entregam a criança a um casal ou pessoa solteira, viúva ou separada. Já estando com a criança, a família adotante procura a Vara da Infância e Juventude a fim de regularizar a situação, ou seja, procura legitimar uma adoção de fato. Essa intermediação entre pais biológicos e adotantes é feita principalmente pela rede de relações dos adotantes e/ou dos pais biológicos e através de espaços comunitários. Um dos objetivos deste estudo é investigar alguns dos elementos que usualmente constituem as redes de significações que permeiam as adoções “prontas”, buscando conhecer alguns dos cenários e protagonistas envolvidos, as interações que podem ocorrer e o modo como estas podem vir a ser dar, além das múltiplas práticas discursivas que atravessam essas adoções através das perspectivas de seus protagonistas. E, num segundo momento, nosso propósito é: investigar o papel/posicionamento que o participante se coloca ou lhe é atribuído ao relatar sua participação nas adoções “prontas”, a cada momento e em diferentes contextos, levando-se em conta os elementos que circunscrevem seus comportamentos e atitudes nas situações; apreender como limites e possibilidades são percebidos para suas participações nas adoções “prontas”; e, compreender como a matriz sócio-histórica tem concretude nas práticas discursivas em relação à adoção e a outros temas correlatos. Serão entrevistadas duas famílias biológicas, duas famílias adotivas, um promotor, um juiz da Vara da Infância e Juventude e mediadores que tenham participado de adoções “prontas”. As entrevistas serão posteriormente transcritas e analisadas. Tanto a composição do *corpus* como análise serão realizadas segundo o referencial teórico-metodológico da *Rede de Significações* (RedSig). No entanto, algumas questões teórico-metodológicas se fazem necessárias sobre a construção do *corpus* e em relação à sua análise. Para atingir os objetivos propostos, deve-se buscar entrevistar e conhecer um maior número de protagonistas que representem os diversos cenários envolvidos nessas adoções? Ou deve-se manter o número de entrevistas e aprofundar a análise do *corpus* construído? Os objetivos propostos são muito extensos e audaciosos para um projeto de doutorado? Quais conceitos da RedeSig devem ser usados como recursos para a compreensão dessas práticas adotivas, além de posicionamento, *constraints* e matriz sócio-histórica? (FAPESP /CNPq/ CAPES)

MESTRADO

O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. *Solange Aparecida Serrano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

No Brasil, historicamente, muitas crianças foram submetidas a um processo de exclusão social prevalente nos cenários econômico e social. Muitas vivem a impossibilidade de convívio familiar. A doutrina jurídica praticada ao longo do tempo, a associação entre pobreza e “periculosidade”, a concepção de “criança”, influenciaram as práticas no atendimento à infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que “o abrigo em entidade” objetiva proteção da criança/adolescente, sendo medida provisória e excepcional. Há heterogeneidade de atendimento nos abrigos; inexistem dados precisos de quantos abrigos e crianças abrigadas há no país, e nem sobre a adequação das suas ações ao ECA. Este projeto de pesquisa de mestrado objetiva caracterizar a situação do abrigamento de crianças de 0 a 6 anos em Ribeirão Preto, focando: caracterizar o perfil das crianças abrigadas e suas famílias (dados sócio-demográficos, como idade, sexo, cor, escolarização, origem, portador de deficiência, informações sobre visitas e interações entre criança-família, etc) e caracterizar a trajetória do abrigamento (quem abrigou, motivo, tempo na instituição, destino da criança, etc). O período pesquisado será de abril/2003 a abril/2005, nos abrigos CACAV, Casa Caio, Casa Família

O ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE EM RIBEIRÃO PRETO: CARACTERIZANDO ESSE CONTEXTO. Solange Aparecida Serrano e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

MESTRADO

resultado também obtido em pesquisas realizadas em outros municípios brasileiros. Nessas adoções, os pais biológicos e/ou mediadores entregam a criança a um casal ou pessoa solteira, viva ou separada. Já estando com a criança, a família adotante procura a Vara da Infância e Juventude a fim de regularizar a situação, ou seja, procura legitimar uma adoção de fato. Essa intermediação entre pais biológicos e adotantes é feita principalmente pela rede de relações dos adotantes e/ou dos pais biológicos e através de espaços comunitários. Um dos objetivos deste estudo é investigar alguns dos elementos que usualmente constituem as redes de significações que permeiam as adoções “prontas”, buscando conhecer alguns dos cenários e protagonistas envolvidos, as interações que podem ocorrer e o modo como estas podem vir a ser dar, além das múltiplas práticas discursivas que atravessam essas adoções através das perspectivas de seus protagonistas. E, num segundo momento, nosso propósito é: investigar o papel/posicionamento que o participante se coloca ou lhe é atribuído ao relatar sua participação nas adoções “prontas”, a cada momento e em diferentes contextos, levando-se em conta os elementos que circunscrevem seus comportamentos e atitudes nas situações; apreender como limites e possibilidades são percebidos para suas participações nas adoções “prontas”; e, compreender como a matriz sócio-histórica tem concretude nas práticas discursivas em relação à adoção e a outros temas correlatos. Serão entrevistadas duas famílias biológicas, duas famílias adotivas, um promotor, um juiz da Vara da Infância e Juventude e mediadores que tenham participado de adoções “prontas”. As entrevistas serão realizadas segundo o referencial teórico-metodológico da *Rede de Significações* (RedSig). No entanto, algumas questões teórico-metodológicas se fazem necessárias sobre a construção do corpus e em relação à sua análise. Para atingir os objetivos propostos, deve-se buscar entrevistar e conhecer um maior número de protagonistas que representem os diversos cenários envolvidos nessas adoções? Ou deve-se manter o número de entrevistas e aprofundar a análise do *corpus* construído? Os objetivos propostos são muito extensos e audaciosos para um projeto de doutorado? Quais conceitos da RedSig devem ser usados como recursos para a compreensão dessas práticas adotivas, além de posicionamento, *constraints* e matriz sócio-histórica? (FAPESP/CNPq/ CAPES)

No Brasil, historicamente, muitas crianças foram submetidas a um processo de exclusão social prevalente nos cenários econômico e social. Muitas vivem a impossibilidade de convívio familiar. A doutrina jurídica praticada ao longo do tempo, a associação entre pobreza e “periculosidade”, a concepção de “criança”, influenciaram as práticas no atendimento à infância. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que “o abrigo em entidade” objetiva proteção da criança/adolescente, sendo medida provisória e excepcional. Há heterogeneidade de atendimento nos abrigos; inexistem dados precisos de quantos abrigos e crianças abrigadas há no país, e nem sobre a adequação das suas ações ao ECA. Este projeto de pesquisa de mestrado objetiva caracterizar a situação do abrigamento de crianças de 0 a 6 anos em Ribeirão Preto, focando: caracterizar o perfil das crianças abrigadas e suas famílias (dados sócio-demográficos, como idade, sexo, cor, escolarização, origem, portador de deficiência, informações sobre visitas e interações entre criança-família, etc) e caracterizar a trajetória do abrigamento (quem abrigou, motivo, tempo na instituição, destino da criança, etc). O período pesquisado será de abril/2003 a abril/2005, nos abrigos CACAV, Casa Caio, Casa Família

de uma formação ampla e integrada deste profissional. Verifica-se uma dicotomia, contrapondo-se aos históricos ganhos ocorridos no país no sentido de promover efetivamente a inclusão de crianças com necessidades especiais na rede regular de ensino. (CNPq, FAPESP)

SALAS ESPECIAIS MUNICIPAIS EM RIBEIRÃO PRETO-SP: ORGANIZAÇÃO E ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EDUCACIONAIS.

Érika Regina Caporal e Katia de Souza Amorim (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).

No Brasil, a inclusão social vem sendo crescentemente discutida, abarcando questões ligadas à discriminação contra a mulher, as diferentes etnias e pessoas com necessidades especiais, dentre outros. Sua meta é uma sociedade que aceite o “diferente”, independentemente das suas características, dando espaço para uma participação social digna e decente. Considerando especificamente as crianças com necessidades especiais, tal proposição, no âmbito educacional, coloca o desafio de aceitar crianças com deficiências físicas, mentais ou sensoriais. Tal desafio é garantido por lei, a qual busca assegurar esse direito através de várias leis e documentos do Governo Federal, como a Constituição Federal, o Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais (Adaptações Curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais), Plano Nacional de Educação, Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, dentre outros. Porém, o que se tem verificado, além da sua importância histórica, são as contradições presentes nesses documentos, que proporcionam ambigüidades quanto à inclusão, perpetuando diferentes práticas discursivas com relação à inclusão/integração/exclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. A Educação Especial e inclusiva representam áreas relativamente novas e bastante controversas, com a necessidade de se conhecer mais acerca desse campo. Especificamente, este trabalho propõe-se a investigar questões relacionadas à organização e ao atendimento dos alunos com necessidades especiais em “salas especiais”. O material empírico será obtido através de documentos da Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Preto (SP), relativos a todas as salas especiais gerenciadas pelo município. A coleta e a análise de dados será feita com base na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações. O objetivo será problematizar questões relacionadas ao atendimento e à organização das salas especiais municipais da cidade de Ribeirão Preto, verificando pontos positivos e negativos desse atendimento, de como ele ocorre, quem são as crianças, quem são os profissionais e qual a sua formação, as condições de infra-estrutura, entre outros. A partir dos diversos discursos presentes no campo educacional e dos dados obtidos através da Secretaria Municipal da Educação, apresentaremos alguns resultados e análises preliminares. Os resultados obtidos a partir dessa análise são fundamentais para a ampliação dos conhecimentos acerca do atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais em salas especiais, além de buscar apreender a sua relevância para os professores do ensino regular das “escolas especiais” e para os próprios alunos com necessidades educacionais especiais.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL DOS DEFICIENTES AUDITIVOS: ANÁLISE E PERSPECTIVAS ATRAVÉS DE REVISÃO DA LITERATURA. Shirley Teles e Katia S. Amorim *(Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo).*

Vivemos um período em que se vê a criação de políticas sociais e educativas que contemplam a igualdade de direitos não só da pessoa com necessidades especiais, como particularmente daquelas com deficiência auditiva. Com relação a essas últimas, mais especificamente com relação à educação delas, verifica-se que, historicamente, têm existido diferentes abordagens na sua educação, havendo concepções até mesmo opostas e radicais na forma de lidar e ensinar, contraposições estas marcadas

pelas práticas do oralismo e gestualismo. Atualmente, novos estudos acerca de métodos e abordagens estão sendo desenvolvidos, na busca por caminhos que melhorem a qualidade do ensino inclusivo das pessoas com deficiência auditiva. Frente à necessidade de atuar para que os processos de inclusão dessas pessoas se dê de forma decente e digna, mostra-se necessário buscar compreender a trajetória da educação dos deficientes auditivos no Brasil, e as perspectivas que estão colocadas nesse momento para eles, na produção científica brasileira. Para isso, o presente trabalho se dispõe a analisar em que aspectos esta questão vem sendo ou não abordada, bem como apontar os rumos que esta tem tomado enquanto política social e educacional. O que se espera é avaliar em que aspectos a valorização do tema tem sido desenvolvido pelo meio acadêmico e, ainda mais, delinear um quadro atual da educação dos deficientes auditivos no cenário brasileiro. Com a meta de avaliar a produção nacional, explorou-se a base de dados *Scielo* e *Lilacs*, sem restrição de datas. Ao todo, onze palavras-chave foram lançadas com o intuito de alcançar o maior número de artigos possíveis do nosso interesse. Os dados preliminares obtidos com o levantamento comprovaram a existência do predomínio da área da saúde no que concerne aos estudos de deficientes auditivos. Porém, verificamos que, ainda assim, a área da Educação tem elaborado alguns estudos de relativa contribuição à implementação de práticas que asseguram qualidade à educação especial dos deficientes auditivos. Entretanto, os resultados ficaram muito aquém do esperado, principalmente se considerarmos as conquistas no que se refere a legislações e documentos que defendem a igualdade de direitos e de atendimento de qualidade inclusiva para pessoas portadoras de deficiências, a partir da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Evidentemente, isso não significa que esse não tem sido um assunto abordado e investido, na nossa sociedade. Porém, se esse investimento existe, ele não se expressa na produção científica na área, particularmente da educação.

Comissão Organizadora do X Encontro Científico do CINDEDI

Alda do Prado Roma
Ana Paula Soares da Silva
Cecília Souza-Oliveira
Delma Bezerra
Fabio Scorsolini-Comin
Gabriela Campos Darahem
Luciana Aparecida Rodrigues
Patrícia Moreira de Souza
Raylla Pereira de Andrade
Ronie Chrales F. Andrade

Organizadores do Livro de Resumos

Cecília Souza-Oliveira
Delma Bezerra
Fabio Scorsolini-Comin
Ronie Charles F. Andrade

Capa

Fabio Scorsolini-Comin